

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

2º TRIMESTRE DE 2024

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

2º TRIMESTRE DE 2024



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jerônimo Rodrigues Souza

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Cláudio Ramos Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS
DA BAHIA – SEI

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)

Rodrigo Barbosa de Cerqueira

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
(CAC) (COORDENAÇÃO GERAL)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)

Lucigleide Nery Nascimento

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS
PÚBLICAS (COREF)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)**

**Carla Janira Souza do Nascimento
(Agropecuária)**

**Carla Janira Souza do Nascimento (Produção
Industrial)**

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosangela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz Juniore Pedro Henrique
Ferreira Matos (Comércio Exterior)**

**Eduardo Augusto Santos Brito, Gabriel Oliveira
Barbosae Marília Jane Campos (Finanças
Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES
(SEI)

Marília Reis

EDITORIA-GERAL (SEI)

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL (SEI)

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO (SEI)

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO ORTOGRÁFICA

2Designers

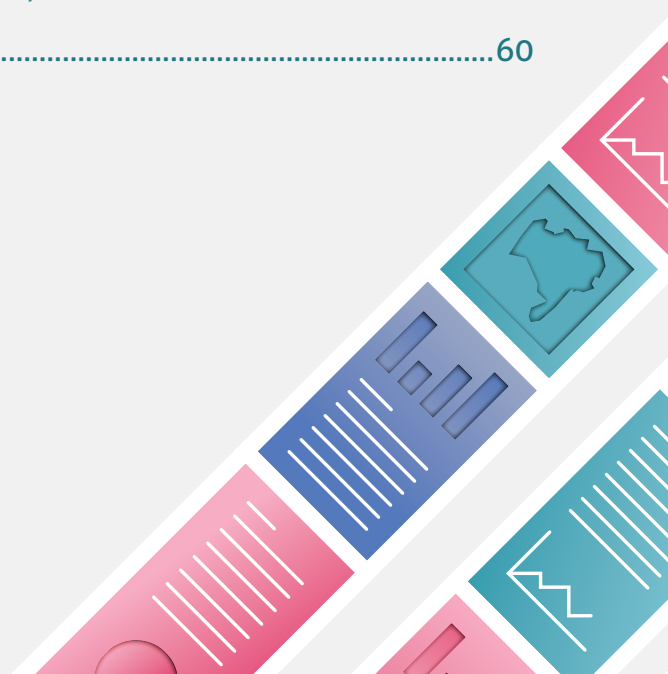
EDITORAÇÃO

Alderlan Oliveira

SUMÁRIO



Panorama Internacional, Nacional e Estadual.....	5
Cenário internacional	5
Cenário nacional.....	9
Cenário estadual	15
Agropecuária.....	18
Outras lavouras permanentes e temporárias.....	20
Pecuária	21
Produção Industrial.....	23
Comércio Varejista	29
Serviços.....	34
Turismo.....	37
Comércio Exterior.....	40
Importação	47
Finanças Públicas.....	49
Panorama global: política monetária e fiscal.....	49
Brasil	50
Bahia	51
Salvador	54
Produto Interno Bruto (PIB).....	55
PIB em valor corrente	55
Segundo trimestre 2024/segundo trimestre 2023.....	56
Primeiro semestre 2024/primeiro semestre 2023 (janeiro a junho).....	58
Mercado de trabalho	60



Panorama Internacional, Nacional e Estadual

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

Cenário Internacional

No segundo trimestre de 2024, a atividade econômica mundial repetiu praticamente o mesmo padrão do primeiro. A maior parte das economias mundiais permaneceu com um ritmo de crescimento resiliente, especialmente dentro do contexto de aperto monetário global sincronizado. Os efeitos dessa política começam a aparecer com o mundo passando por uma fase de desinflação, tanto pela reversão dos choques de oferta quanto pelos resultados das políticas monetárias contracionistas da demanda. Conquanto o processo de convergência plena da inflação das principais economias para suas respectivas metas ainda não tenha se concretizado.

A inflação mundial está desacelerando, abrindo espaço para uma postura menos apertada da política monetária em diversos países. O ciclo de corte de juros teve início nos países emergentes e agora alguns países desenvolvidos entraram na mesma trajetória, a exemplo da zona do euro e do Canadá. Isso pode ocorrer ainda este ano também nos Estados Unidos, que permanecerão no modo contracionista por algum tempo.

Estados Unidos e China apresentaram os melhores resultados do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre. A zona do euro voltou a crescer acima do esperado e o Japão se recuperou da queda do primeiro trimestre. Serão destacados a seguir quais fatores contribuíram para o desempenho do PIB, levando em consideração fatores conjunturais que impactaram as referidas taxas positivamente ou negativamente nos Estados Unidos, China, zona do euro e do Japão, e previsões para 2024 e 2025.

O Produto Interno Bruto (PIB), a medida mais ampla da produção econômica, foi muito mais forte no segundo trimestre do que os economistas previram. O PIB real dos Estados Unidos cresceu 2,8% no segundo trimestre de 2024, em termos anualizados, de acordo com a primeira prévia do indicador divulgada pelo Departamento do Comércio. No primeiro trimestre do ano, a economia americana cresceu 1,4% na mesma comparação. O aumento do PIB real refletiu principalmente em crescimentos nos gastos dos consumidores e nos investimentos.

O aumento no investimento em estoque privado refletiu principalmente nas altas nos setores de comércio atacadista e varejista, que foram parcialmente compensados por uma diminuição nos setores de mineração, serviços públicos e construção.

Um dos pontos que ajudaram a impulsionar a expansão do último trimestre foi o gasto do consumidor, que é o principal componente do PIB dos Estados Unidos, que subiu a uma taxa

anual de 2,3% no trimestre de abril a junho, em comparação com 1,5% no período de janeiro a março. Entre os gastos de consumidores destacados no segundo trimestre, o Departamento do Comércio citou especialmente os serviços de assistência médica, os de habitação, os serviços públicos e os recreativos.

O relatório do PIB também mostrou que a inflação continua a enfraquecer, embora esteja acima da meta de 2% do Federal Reserve (Fed). A medida de inflação preferida do banco central, o índice de gastos com consumo pessoal (PCE, na sigla em inglês), subiu a uma taxa anual de 2,6% no último trimestre, abaixo dos 3,4% do primeiro trimestre.

As autoridades do Fed deixaram claro que, como a inflação se aproxima da meta de 2%, elas estão preparadas para começar a cortar as taxas de juros em breve – a expectativa generalizada é de que comecem em setembro.

Uma desaceleração econômica é esperada para este ano. Em parte por um reflexo das taxas muito mais elevadas dos empréstimos para aquisição de imóveis residenciais e automóveis. Também pagamentos de cartões de crédito e muitos empréstimos para empresas resultantes da série agressiva de elevações das taxas de juros pelo Fed, que foram uma resposta à alta da inflação que começou em 2021, resultando em 11 aumentos da taxa básica de juros entre 2022 e 2023.

A economia da China registrou uma desaceleração acentuada no segundo trimestre, aumentando a pressão sobre os líderes do país para que ajam de forma mais agressiva para acelerar o crescimento. O PIB da China registrou expansão de 4,7% no segundo trimestre, comparado ao mesmo período do ano passado, resultado mais fraco desde o primeiro trimestre de 2023, conforme informou a Agência Nacional de Estatísticas da China. Essa apuração foi mais fraca que o crescimento de 5,3% registrado no primeiro trimestre e menor que os 5% esperado por economistas. Em termos trimestrais, o crescimento foi de 0,7%, ante 1,5% nos três meses anteriores em dado revisado para baixo.

A segunda maior economia do mundo está perdendo força graças a uma recessão progressiva no setor imobiliário, aos gastos moderados dos consumidores e às tensões comerciais crescentes com o resto do mundo, mantendo vivas as expectativas de que o governo chinês precisará adotar ainda mais medidas de estímulo.

Os números do PIB chinês no segundo trimestre mostram que os investimentos industriais e as exportações impulsionaram o crescimento, compensando os gastos mais fracos dos consumidores e os problemas no setor imobiliário. Os dados desagregados mostram que a produção industrial nos primeiros seis meses do ano cresceu 6% em relação ao mesmo período do ano passado. As vendas no varejo aumentaram apenas 3,7% sobre o mesmo

período e os investimentos no setor imobiliário caíram 10,1%. As vendas de novas moradias foram 26,9% menores, sinalizando uma desaceleração significativa na atividade econômica chinesa no primeiro semestre.

“Esses dados aumentarão o clamor por medidas de estímulo e por reformas mais amplas, sendo provável que medidas políticas de curto e longo prazo sejam necessárias para superar o mal-estar econômico da China”, diz Eswar Prasad, professor de política comercial da Universidade Cornell e ex-chefe da divisão do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a China.

A economia da zona do euro cresceu mais rápido do que o esperado no segundo trimestre de 2024, segundo dados oficiais divulgados pelo instituto europeu de estatísticas, Eurostat, confirmando a recuperação econômica dos países que compartilham a moeda comum desde janeiro, apesar do fraco desempenho da Alemanha. No segundo trimestre, o PIB da zona do euro cresceu 0,6% na comparação com o mesmo período de 2023. Em relação aos três meses anteriores, cresceu 0,3%.

Entre os 20 países da zona do euro, as maiores economias registraram expansão acima das previsões, como a França e a Espanha. Essa última com um salto de 0,8%. A Alemanha se destaca negativamente e contém os seus parceiros. O PIB alemão caiu 0,1% no segundo trimestre. A indústria exportadora alemã, um pilar do seu modelo econômico, enfrenta problemas há dois anos devido ao alto custo da energia, aos custos mais elevados do crédito, à fraca demanda interna e às dificuldades no comércio internacional.

Os economistas temem que, em vez de uma queda de curta duração, os dados reflitam a falta fundamental de competitividade da Alemanha, em parte devido à ruptura de seu modelo de negócios baseado na energia barata da Rússia e no comércio intenso com a China.

Embora o crescimento permaneça estável, as justificativas para cortes adicionais nas taxas do Banco Central Europeu (BCE) estão se fortalecendo, já que as expectativas de preços estão diminuindo. Números da inflação da zona do euro apontam para a possibilidade de mais um corte nas taxas de juros pelo BCE em setembro, após o corte de 0,25% em junho, com o mercado esperando mais uma redução até o final do ano.

Apesar do crescimento melhor do que o esperado no segundo trimestre, a zona do euro pode ter desaceleração nos próximos meses, segundo Franziska Palmes, da empresa de análises econômicas britânica Capital Economics, que ressalta os dados fracos das recentes pesquisas econômicas.

A terceira maior economia do mundo, o Japão, voltou a crescer no segundo trimestre, devido à recuperação dos gastos das famílias e das empresas. O PIB do Japão expandiu-se 0,8%

em relação ao trimestre anterior. No segundo trimestre, em relação ao ano anterior, cresceu 3,1%, em um ritmo mais rápido do que o esperado, recuperando-se de uma queda no início de 2024, em que a economia havia contraído 0,6% no trimestre de janeiro a março.

O consumo privado japonês subiu 1,0% em relação ao trimestre anterior, interrompendo quatro trimestres consecutivos de declínios. As vendas de automóveis se recuperaram, superando o impacto das suspensões de produção que haviam limitado a produção no início do ano. Os gastos com capital também subiram 0,9%, respaldados por sólidos lucros corporativos.

Segundo Kazutaka Maeda, economista do Meiji Yasuda Research Institute, "os resultados são simplesmente positivos no geral, com sinais de um aumento no consumo privado apoiado pelo crescimento real dos salários".

Os dados do PIB do segundo trimestre das principais economias apresentaram taxas acima do esperado pelos analistas econômicos, mesmo submetidos às políticas monetárias restritivas. Com isso, os dados do relatório Panorama Econômico Global, do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgados em julho de 2024, mantiveram a previsão para o desempenho da economia global neste ano e passou a esperar expansão marginalmente mais alta em 2025.

Segundo o Panorama, o FMI manteve em 3,2% a projeção para o avanço do PIB mundial em 2024. Para o ano que vem, a instituição espera crescimento de 3,3%, ligeiramente acima da elevação de 3,2% que havia sido estimada em abril.

O Fundo prevê para as principais economias, como os Estados Unidos, expansão de 2,6%, 0,1 ponto percentual (p.p.) abaixo da estimativa anterior; para a zona do euro, apenas 0,9% (+0,1 p.p. que em abril). Para a China e Índia, graças à demanda interna e ao aumento das exportações, as previsões são mais otimistas para a China: a revisão é de 0,4 ponto, prevendo agora um crescimento de 5,0%; enquanto o da Índia deverá atingir os 7,0%.

O PIB da China deverá crescer além do esperado, com alta para este ano e ano que vem. A instituição prevê alta de 5,0% no PIB neste ano e 4,5% em 2025. A alta no crescimento é motivada por um consumo interno fortalecido e por alta de exportações acima do esperado.

O FMI elevou sua projeção de crescimento para os mercados emergentes em 2024 e 2025 em 10 pontos-base por ano, em comparação com sua previsão de abril, e agora espera que os países cresçam, em média, 4,3% ao ano até o fim de 2025.

O FMI acredita que a inflação global desacelerará para 5,9% este ano –de 6,7% no ano passado –, em linha com sua previsão de abril. O órgão culpou a inflação persistente dos preços dos serviços, parcialmente impulsionada por salários mais altos. Com isso, os bancos centrais

podem manter as taxas de juros no campo contracionista por mais tempo, aumentando os riscos fiscais e financeiros.

Para o economista-chefe do FMI, Pierre-Olivier Gourinchas, o mundo tem duas grandes preocupações: “uma refere-se à trajetória orçamentária de um número de países onde as finanças públicas têm estado muito tensas; a segunda às políticas industriais e comerciais, e ao risco de fragmentação geoeconômica”, explicou o economista-chefe do FMI.

Finalmente, são necessários enormes investimentos globais para o futuro verde e resiliente ao clima. Redução de emissões é compatível com o crescimento, como se viu nas últimas décadas, durante o qual o crescimento se tornou muito menos intensivo em emissões de carbono. No entanto, as emissões continuam a aumentar. Muito mais precisa ser feito e rapidamente, concluiu Pierre-Olivier Gourinchas, economista-chefe do FMI.

Cenário nacional

Os indicadores de atividade surpreenderam positivamente no segundo trimestre, reforçando o quadro de resiliência do consumo e a recuperação dos investimentos, apesar da tragédia climática que atingiu o estado do Rio Grande do Sul. Por exemplo, o forte aumento da produção industrial em junho mais do que compensou a contração registrada no mês anterior, que havia sido bastante impactada pelas enchentes no sul do país. O comércio varejista também apresentou bons resultados, com destaque para as vendas de itens essenciais (alimentos, bebidas e farmacêuticos).

Dados recentes confirmaram o cenário de mercado de trabalho aquecido. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego ficou abaixo de 7% em junho (dados mensais e dessazonalizados), o menor patamar em quase dez anos. A população ocupada e os salários reais seguem firmes, a despeito de alguma moderação na margem. Além disso, os indicadores apontavam para uma recuperação dos investimentos e da indústria de transformação, ambos favorecidos pelo processo de ajustamento de estoques e por um nível de utilização de capacidade acima da média histórica.

As pesquisas mensais do IBGE para os principais setores da atividade econômica ratificam esse processo de elevação no ritmo de expansão da economia brasileira.

A produção industrial do país avançou 4,1% na passagem de maio para junho, após dois meses consecutivos de taxas negativas. Com isso, o setor industrial marcou o resultado positivo mais intenso desde julho de 2020, quando havia registrado alta de 9,1%. Os resultados de junho levaram a indústria a ultrapassar o patamar pré-pandemia (2,8% acima de fevereiro de 2020).

“Em linhas gerais, cabe destacar que o avanço mais acentuado observado em junho de 2024 está relacionado não só com a base de comparação depreciada, explicada pelos dois meses consecutivos de queda na produção, mas também pela volta à produção de várias unidades produtivas que foram direta ou indiretamente afetadas pelas chuvas ocorridas no Rio Grande do Sul em maio de 2024”, ressalta o gerente da pesquisa, André Macedo.

Em relação ao segundo trimestre, com base na pesquisa mensal do IBGE, a indústria brasileira apresentou crescimento de 3,2%, e, no primeiro semestre 2,6%. Entre as categorias econômicas, todas as quatro registraram resultados positivos, destaque para bens de capital, 11,7%.

Entre as atividades, as influências positivas mais importantes foram assinaladas por *Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis* (4,0%), *Produtos químicos* (6,5%), *Produtos alimentícios* (2,7%) e *Indústrias extrativas* (2,5%).

No mês de junho em relação a maio, o setor de serviços apresentou expansão de 1,7%, o maior crescimento desde dezembro de 2022. Com essa expansão, o volume de serviços chegou ao patamar recorde da série, 0,5% acima do antigo pico, alcançado em dezembro de 2022. Os dados são da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE.

No segundo trimestre, frente a igual período de 2023, o volume de serviços no Brasil apresentou expansão de 2,0% frente a igual período de 2023. Em relação ao trimestre anterior, o setor cresceu 1,7%. Em 12 meses, o setor mostrou perda de dinamismo ao passar de 1,2% em maio para 1,0% em junho. Quatro das cinco atividades da PMS tiveram taxas positivas; entre os ramos, a contribuição positiva mais importante foi de *Informação e comunicação* (6,0%). Os demais avanços vieram dos *Outros serviços* (6,1%); *Serviços prestados às famílias* (3,5%); e *Profissionais, administrativos e complementares* (1,3%). A única taxa negativa entre as atividades foi *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (-2,5%).

“O setor de informação e comunicação também atinge o ápice da sua série histórica em junho de 2024. O comportamento dos serviços de tecnologia desde o pós-pandemia tem se mostrado fundamental para o volume de serviços do país, principalmente pelo aumento considerável nos serviços voltados às empresas, notadamente os serviços de tecnologia da informação”, reforça Rodrigo Lobo, gerente da PMS.

O comércio varejista cresceu 4,6% no segundo trimestre em relação ao mesmo período de 2023. No primeiro semestre, comparado ao primeiro semestre de 2023, as vendas no varejo subiram 5,2%, o que corresponde à quinta taxa positiva em sequência, após o resultado de -3,0% no segundo semestre de 2021. Em 12 meses, a alta é de 3,6%.

O comércio varejista ampliado, que inclui *Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo*, cresceu 3,9% ante o mesmo período de 2023. O primeiro semestre apresentou alta de 4,3% ante o mesmo período de 2023, e de 3,5% em 12 meses.

Em junho, as vendas no comércio varejista no Brasil caíram 1,0% na comparação com o mês anterior, quando cresceram 0,9%. "A queda das vendas no varejo em junho não foi suficiente para causar grandes perdas, pois ocorre depois da forte expansão do comércio varejista nos cinco primeiros meses deste ano. O resultado do primeiro semestre de 2024 é muito superior ao fechamento de 2023, sendo apoiado por duas atividades comerciais muito sólidas, com crescimento quase contínuo, Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria", explica Cristiano Santos, gerente da pesquisa do comércio.

As expectativas para a safra agrícola brasileira de 2024 serão afetadas pelas condições climáticas pouco favoráveis, sobretudo a atuação de forte intensidade do fenômeno El Niño. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE, relativo ao mês de junho de 2024, mostra uma safra nacional de 298 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. E a área colhida de 78,6 milhões de hectares, 0,9% maior que a área em 2023. O declínio no rendimento das culturas de soja e milho explica o baixo desempenho da produção agrícola brasileira na safra atual.

No segundo trimestre de 2024, segundo dados da PNAD divulgada pelo IBGE, a taxa de desocupação caiu para 6,9%, a menor taxa para um trimestre encerrado em junho desde 2014 (6,9%). A população ocupada atingiu novo recorde da série histórica, chegando a 101,8 milhões. O total de trabalhadores do país cresceu 1,6% (mais 1,6 milhão de pessoas) no trimestre, conseqüentemente, a população desocupada caiu para 7,5 milhões de pessoas, com redução de dois dígitos, 12,5% (menos 1,1 milhão de pessoas) no trimestre.

No trimestre encerrado em junho, o rendimento médio real das pessoas ocupadas foi de R\$ 3.214,00, com alta de 1,8% no trimestre e de 5,8% na comparação anual. Como consequência, a massa de rendimentos chegou a R\$322,6 bilhões, novo recorde da série histórica.

Conforme observa a coordenadora de pesquisas domiciliares do IBGE, Adriana Beringuy, "esses recordes de população ocupada não foram impulsionados apenas nesse trimestre, mas são consequência do efeito cumulativo de uma melhoria do mercado de trabalho em geral nos últimos trimestres, afetando o aumento do rendimento que está sendo impulsionado pela expansão do número de trabalhadores em diversas atividades, sejam no setor público ou privado".

O número de empregados do setor privado (52,2 milhões) foi recorde, impulsionado pelos novos recordes nos contingentes de trabalhadores com carteira (38,4 milhões). De acordo com o Ministério do Trabalho, 580.884 empregos formais foram criados no país entre abril e junho deste ano. O resultado considera 6,482 milhões de admissões e 5,901 milhões de desligamentos.

Os números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) mostram que foram criados empregos formais nos cinco setores da economia. Ao longo do segundo trimestre, o maior número absoluto foi no setor de serviços, que mais contratou, 298 mil pessoas, seguido da indústria e construção, com 87 mil e 71mil, respectivamente.

O Ministério do Trabalho também informou que o salário médio de admissão foi de R\$ 2.132,82 em junho deste ano, o que representa queda real (descontada a inflação) em relação a maio de 2024 de 0,24% (R\$ 2.137,97). Na comparação com junho de 2023, porém, houve crescimento no salário médio de admissão de 2,7%. Naquele mês, o valor foi de R\$ 2.089,54.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), na passagem entre o primeiro trimestre e o segundo de 2024, confirmou a aceleração no ritmo de expansão da atividade econômica no período, conforme já antecipado pelos indicadores setoriais com periodicidade mensal. Impulsionado, entre outros fatores, pelo forte dinamismo ainda presente no mercado de trabalho, que segue com aumentos tanto da população ocupada quanto do rendimento médio real, com reflexo no desempenho das vendas de bens e serviços, que continuou a se expandir no segundo trimestre de 2024.

O crescimento da demanda, por sua vez, tem sido um dos responsáveis pela continuidade da recuperação verificada na indústria de transformação. Como consequência, além do bom desempenho da produção interna, as importações seguem registrando expansão. Já as exportações, com importante contribuição para o crescimento do PIB no ano passado, têm apresentado desempenho mais modesto em 2024. Mesmo com retração na agropecuária, o crescimento da economia no segundo trimestre veio acima do esperado pelos analistas do mercado financeiro.

Dados do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais, divulgados pelo IBGE, mostraram que o PIB apresentou expansão de 1,4% no segundo trimestre em relação ao primeiro deste ano. Essa taxa mostra a continuidade do crescimento econômico após expansão de 1,0% no primeiro trimestre.

Nessa base de comparação, pela ótica da oferta, a indústria cresceu (1,8%), os serviços cresceram (1,0%) e a agropecuária continuou em queda, com variação de 2,3%, consequência ainda do El Niño. Para Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, "com o fim

do protagonismo da *Agropecuária*, a *Indústria* se destacou nesse trimestre, em especial na *Eletricidade e gás, água, esgoto, e na Construção*”.

Pela ótica da demanda interna, na mesma comparação, houve altas nos três componentes: *Formação bruta de capital fixo* (2,1%), *Consumo das famílias* (1,3%) e *Consumo do governo* (1,3%). Em relação ao setor externo, as *Exportações de bens e serviços* subiram 1,4%, enquanto as *Importações de bens e serviços* cresceram 7,6%. Ao contrário do ano passado, o setor externo contribuiu negativamente com 1,21 ponto percentual para o crescimento do PIB do trimestre.

Em relação ao segundo trimestre de 2023, o PIB cresceu 3,3%, pela ótica da produção e foi puxado pelos bons resultados da *Indústria* (3,9%) e *Serviços* (3,5%). A *Agropecuária* registrou mais uma queda, que pode ser explicada pela base de comparação com o segundo trimestre de 2023 (20,9%) e também pela quebra de safra de alguns produtos relevantes, como soja (4,3%) e milho (10,3%).

A *Indústria* avançou e os principais destaques foram o setor de *Eletricidade, gás, água, esgoto e atividades de gestão de resíduos* que subiu 8,5%; também a atividade de *Construção* (4,4%) e a *Indústria de transformação* que registrou sua segunda alta consecutiva (3,6%). Todos os setores dos *Serviços* tiveram taxas positivas nessa comparação, com destaque para *Informação e comunicação* (6,1%), *Atividades financeiras, de seguros e serviços* (4,0%) e *Comércio* (4,0%).

A demanda interna foi impactada pelo *Consumo das famílias* que cresceu 4,9%, favorecido pela continuidade da melhora no mercado de trabalho, estabilidade da inflação, queda dos juros e a continuidade dos programas governamentais de transferência de renda e o crescimento do crédito para as pessoas físicas. O *Consumo do governo* (3,1%) também teve elevação no período. A *Formação bruta de capital fixo* continuou se expandindo com taxa de 5,7%, segunda taxa positiva seguida, devido à importação de bens de capital e desempenho positivo da construção. A taxa de investimento cresceu para 16,8%, acima dos 16,4% registrados no segundo trimestre de 2023. No setor externo, as exportações tiveram crescimento de 4,5%, diante de uma demanda interna mais aquecida. As importações aumentaram 14,8%.

No acumulado do ano, primeiro semestre, o crescimento da economia brasileira foi de 2,9%. Pela ótica da produção, cresceram a *Indústria* (3,4%) e os *Serviços* (3,3%). A *Agropecuária* caiu 2,9%, segunda taxa negativa seguida. Pelo lado da demanda, três componentes registram taxas positivas: *Consumo das famílias* (4,9%), *Consumo do governo* (2,9%) e *Formação bruta de capital fixo* (4,2%). No setor externo, as importações cresceram acima das exportações, com 5,4% e 12,6%, respectivamente.

Em linhas gerais, os números do PIB do segundo trimestre de 2024 trazem um otimismo cauteloso, mas está ainda longe de denotar um crescimento estruturalmente robusto da economia. Cabe destacar que essa expansão, em grande parte foi concentrada na demanda interna, que subiu 1,5% no segundo trimestre, ante o primeiro, devido ao consumo das famílias pela força do mercado de trabalho, das transferências de renda do governo e a desaceleração da inflação, além do aumento dos investimentos diante de flexibilização da política monetária, embora ainda restritiva.

Para o PIB de 2024, a expectativa é uma taxa próxima da registrada no ano passado. Analistas do mercado revisaram suas projeções diante da boa surpresa com a taxa de crescimento do segundo trimestre, variando entre 2,8% e 3,2%.

O relatório Perspectiva Econômica Global do Fundo Monetário Internacional (FMI) de julho revisou para baixo a projeção de crescimento do Brasil para 2024, de 2,2% para 2,1%. A redução se deveu a tragédia climática no Rio Grande do Sul, quando as chuvas que começaram em maio afetaram grande parte do estado, impactando fortemente quase toda a atividade econômica. Além desse fator exógeno, o FMI cita ainda uma política monetária ainda restritiva, o déficit fiscal mais baixo e a redução da normalização da produção agrícola como vetores negativos para o desempenho do PIB em 2024.

Esses resultados do PIB do segundo trimestre surpreenderam mesmo com a tragédia do Rio Grande do Sul. Para o segundo semestre, a redução dos estímulos fiscais e o ambiente monetário menos favorável apontariam para desaceleração, mas o mercado de trabalho ainda aquecido pode contrariar essa previsão. No setor externo, a geopolítica continua em evidência com a continuidade das guerras e a incerteza quanto o percentual da redução das taxas de juros nos Estados Unidos.

Estatisticamente, com o resultado do segundo trimestre, se o PIB ficasse estagnado até o fim do ano, o crescimento da economia brasileira em 2024, estimam economistas já seria de 2,5%. Assim, diversas instituições financeiras elevaram suas projeções para o PIB, em 2024, a algo mais próximo de 3%.

Portanto, o crescimento do PIB de 2024, liderado pelo consumo, que é reflexo do mercado de trabalho bastante dinâmico e das transferências e o aumento do investimento, são notícias positivas e indicam que o crescimento tendencial da economia pode ser um pouco maior do que o consenso estima. Mas a taxa de investimento em relação ao PIB ainda está muito baixa quando comparada aos anos da década anterior. Então, se não for elevada ao longo dos próximos anos, pode comprometer o crescimento sustentado do Brasil.

Cenário estadual

Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica da Bahia apresentou resultados positivos no comércio varejista, serviços e indústria geral, com queda na estimativa da safra de grãos, na comparação com o segundo trimestre de 2023. Mesmo com queda nas cotações de *commodities*, as exportações baianas registraram aumento no mesmo período.

Contribuíram para expansão do comércio e serviços a geração de empregos, o aumento da oferta de crédito para as famílias, o reajuste no Bolsa Família e a queda dos juros. A conjuntura externa, ainda pouco favorável, devido à política monetária restritiva e à incerteza sobre os rumos da economia americana, europeia e chinesa, afetaram as exportações, principalmente de *commodities*.

A expansão no comércio varejista, no segundo trimestre, foi de 6,1%. Na análise sazonal, registrou queda de 0,9%, em relação ao trimestre imediatamente anterior. No primeiro semestre, o crescimento foi de 9,1% puxado pelo excelente resultado do primeiro trimestre de 11,4%.

O volume de serviços na Bahia, quando comparado com o segundo trimestre de 2023, marcou crescimento de 1,2%, reduzindo as taxas de crescimento em relação aos trimestres de 2022 e 2023. Essa é a décima terceira taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. No acumulado do primeiro semestre do ano apresentou leve avanço de 0,8%, em relação ao mesmo período do ano anterior.

No segundo trimestre, duas atividades puxaram o volume de serviços da Bahia para cima, com destaque para as atividades de *Serviços prestados às famílias* (10,4%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (5,6%).

O cenário macroeconômico, com queda na taxa de juros, controle da inflação e mercado de trabalho aquecido, influenciou diretamente a transformação industrial do país no segundo trimestre de 2024, com reflexos positivos na indústria na Bahia.

A indústria baiana, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, registrou o terceiro avanço consecutivo, com taxa de 0,2% no segundo trimestre, em relação ao primeiro trimestre. Em relação ao segundo trimestre de 2023, cresceu 1,4%.

Setorialmente, as maiores contribuições no segundo trimestre para o desempenho da produção industrial baiana foram observadas em *Derivados de petróleo* (3,3%), *Produtos químicos* (2,3%), *Produtos de borracha e de material plástico* (9,0%), *Celulose e papel* (5,8%) e *Bebidas* (11,3%).

Após a produção recorde de grãos em 2023, a Bahia deve registrar queda na safra de 2024, tanto para o IBGE quanto para a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), influenciada, principalmente, pelas condições climáticas adversas. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) realizado pelo IBGE, relativo ao mês de julho de 2024, estima uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas de 11,31 milhões de toneladas, o que representa um recuo de 6,9% na comparação com a safra do ano anterior.

No segundo trimestre, as exportações alcançaram US\$ 2,80 bilhões, com aumento de aproximadamente 8% em relação ao mesmo período do ano anterior. As importações fecharam o segundo trimestre a US\$ 3,44 bilhões, com incremento de 55,2% ante igual período do ano anterior.

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de abril a junho de 2024, o montante de empregos formais no estado se ampliou, fruto do surgimento de 28.860 novos postos de trabalho. Ao fim do segundo trimestre deste ano, a Bahia passou a contar com 2.106.730 vínculos celetistas ativos, uma variação de 0,42% sobre o quantitativo do mês imediatamente anterior.

A geração de postos de trabalho com registro em carteira na Bahia continua surpreendendo em 2024, visto que o saldo acumulado de janeiro a junho deste ano, com pouco mais de 54 mil novos postos, supera o resultado para o mesmo conjunto de meses do ano passado, quando 51.252 novos vínculos empregatícios foram estabelecidos.

O crescimento de empregos formais na Bahia, no segundo trimestre de 2024, alcançou quatro dos cinco grandes setores. O setor de *Serviços* se destacou com o desempenho mais elevado, com a contratação líquida de 14.168 trabalhadores no período. O setor de *Indústria geral*, com 7.201 novos contratos, também indicou um saldo relativamente expressivo, evidenciando o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com resultados positivos menos significativos, vieram o *Comércio* (6.058) e a *Agropecuária* (1.481 vagas). Assim, portanto, a *Construção* foi a única atividade que reduziu o nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 48 vínculos.

Segundo levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 11,1% no segundo trimestre de 2024, uma redução significativa em relação ao primeiro trimestre (14,0%).

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao segundo trimestre mostraram que os resultados positivos para o comércio varejista, serviços, indústria geral e geração de emprego formal impactaram positivamente no Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia do segundo trimestre. Porém, a agropecuária contribuiu para que a taxa do PIB não fosse mais expressiva.

No segundo trimestre, o PIB da Bahia, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), cresceu 2,2%, na comparação com mesmo período de 2023, enquanto em relação ao primeiro trimestre de 2024, a taxa foi de 0,6%. No primeiro semestre, a alta foi de 2,4%, e em 12 meses, 1,8%.

Setorialmente, na comparação anual, a *Agropecuária* caiu 3,0%, devido às quebras das safras de soja, milho e algodão. O setor de *Serviços*, com alta de 3,4%, impulsionado pelo *Comércio* (3,5%) e *Transportes* (5,8%). O setor industrial, formado pela *Construção*, *eletricidade*, *água e gás* e *Indústria geral* (transformação e extrativa), registrou alta de 2,6%. Três atividades do setor industrial apresentaram resultados positivos: atividade de *Eletricidade, água e gás* com resultado positivo no período (4,5%), em função tanto do aumento da geração elétrica, particularmente de fontes eólicas, quanto do consumo de energia; *Indústria de transformação* (2,4%); e *Construção* (3,5%). Apenas o setor de *Extrativa mineral* registrou queda (-8,7%).

Para o segundo semestre do ano, a manutenção dos efeitos do incremento das transferências de renda e da continuidade da geração de empregos podem ainda sustentar a demanda, principalmente o consumo das famílias, que se encontra resiliente.

Pelo lado da oferta, a indústria de transformação deve continuar a crescer. O comércio varejista, pela recuperação da renda e do emprego, deve continuar a se expandir. Os serviços vão continuar aumentando, mas a uma taxa mais modesta que a registrada nos últimos anos, embora o turismo possa apresentar resultados surpreendentes. Portanto, as previsões para o PIB de 2024 giram em torno de 2,0% a 2,2%.

A seguir, os detalhamentos setoriais, o comportamento do mercado de trabalho, do comércio exterior, das finanças públicas e do PIB da Bahia.

AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

As expectativas para a safra agrícola brasileira de 2024 serão afetadas pelas condições climáticas pouco favoráveis, sobretudo pela atuação da forte intensidade do fenômeno El Niño. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a colheita das culturas no Brasil aponta para uma produção de grãos de 298,6 milhões de toneladas (t).¹ O volume representa uma queda de 6,6% na comparação com a temporada 2022/2023.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA),² realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),³ mostra uma safra nacional de 298 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. Assim como na Conab, a estimativa também é de queda, com produção 5,5% inferior à safra obtida em 2023. E a área colhida de 78,6 milhões de hectares (ha), 0,9% maior que a área em 2023. O declínio no rendimento das culturas de soja, milho e algodão explicam o baixo desempenho da produção agrícola brasileira na safra atual.

Na Bahia, após a produção recorde de grãos em 2023, tanto o IBGE como a Conab estimam uma produção de grãos menor em 2024, influenciada, principalmente, pelas condições climáticas adversas.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE,⁴ relativo ao mês de julho de 2024, estima uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas⁵ de 11,31 milhões de toneladas, o que representa um recuo de 6,9% na comparação com a safra de 2023, conforme ilustrado no Gráfico 1.

1 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 11º levantamento. v. 11, n. 11. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>. Acesso em: 15 ago. 2024.

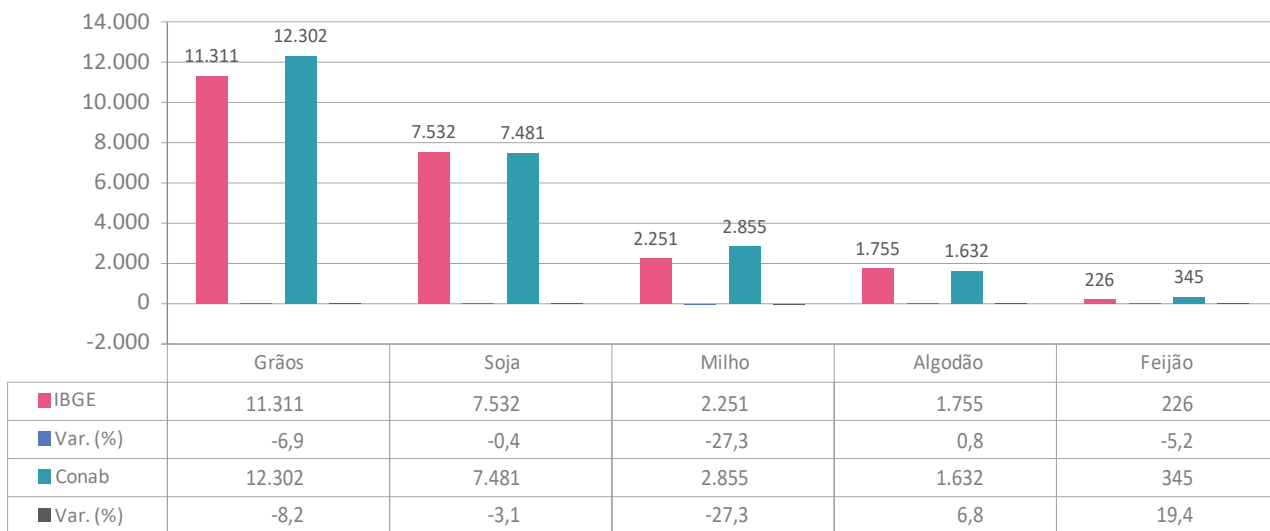
2 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, jul. 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2024_jul.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

3 Refere-se ao sétimo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

4 Refere-se ao sétimo levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

5 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

Gráfico 1
Estimativas comparadas da safra de grãos
Bahia – 2023/2024



Fonte: Conab (2024) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

No que concerne ao acompanhamento da safra pela Conab, em seu décimo primeiro levantamento, estimou-se que a produção baiana de grãos alcance mais de 12,3 milhões de toneladas na temporada 2023/2024, menor em 8,2% em relação ao ciclo 2022/2023.⁶ Com relação à área plantada, estima-se ampliação de 0,6% na mesma base de comparação, com área de 3,78 milhões de ha. Assim, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas ficaria em torno de 3,25 t/ha.

Ainda de acordo com o IBGE,⁷ a produção de algodão (caroço e pluma) está estimada em 1,76 milhão de toneladas e representa acréscimo de 0,8% em relação a 2023. A área plantada com a fibra (375 mil hectares) superou em 3,0% a de 2023. A expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra anterior e à dinâmica do mercado internacional com aumento nos preços médios. Graças à boa qualidade e competitividade da pluma de algodão brasileira, que tem uma grande aceitação no mercado internacional. A queda na produtividade

6 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 11º levantamento. v. 11, n. 11. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/safra-graos/boletim-da-safra-de-graos>. Acesso em: 15 ago. 2024.

7 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, jul. 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2024_jul.pdf. Acesso em: 12 ago. 2024.

(-2,2%) ocorre pela irregularidade das chuvas e instabilidade climática registradas no final de 2023. Segundo o boletim da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (AIBA):⁸

A colheita continua pujante nas diversas microrregiões do Oeste da Bahia, onde segundo a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), a colheita segue em mais da metade da área, alcançando 68% da área total colhida, com uma produtividade média de 316@/ha demonstrando que os resultados da cultura estão acima das perspectivas estimadas no último levantamento realizado pelo conselho técnico da AIBA.

Para a lavoura do feijão, o IBGE tem expectativa de declínio na produção, totalizando apenas 226 mil toneladas, representando recuo de 5,2% na comparação com a safra de 2023. A área plantada (380 mil hectares) deve recuar 8,9% em relação àquela observada no ano anterior. A primeira safra da leguminosa (137 mil toneladas) está estimada em 4,5% inferior à de 2023, e a segunda safra (89 mil toneladas) apontou variação negativa de 6,4%, na mesma base de comparação.

A estimativa do volume colhido da soja é de 7,53 milhões de toneladas, 0,4% abaixo do verificado em 2023, mesmo com a ampliação da área plantada que ficou projetada em 2,0 milhões de hectares (6,7% acima do observado em 2023). No estado, a colheita já está encerrada. A produtividade da área colhida é 6,7% menor que a da safra passada, no entanto, a qualidade dos grãos é boa e o rendimento é maior que o esperado no início da safra.

As duas safras anuais do milho estão estimadas em 2,25 milhões de toneladas, o que representa queda de 27,3% na comparação anual. Com relação à área plantada (591 mil hectares), o IBGE apontou um decréscimo de 15,4% em relação à safra anterior. A estimativa da primeira safra anual é de 1,55 milhão de toneladas, sendo 34,0% abaixo de 2023. Por sua vez, para segunda safra (700 mil toneladas) estima-se recuo de 6,1% em relação à colheita do ano anterior. De acordo com a AIBA,⁹ fatores climáticos e fitossanitários, de uma maneira geral, contribuíram para o baixo resultado da safra na região oeste do estado.

OUTRAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS

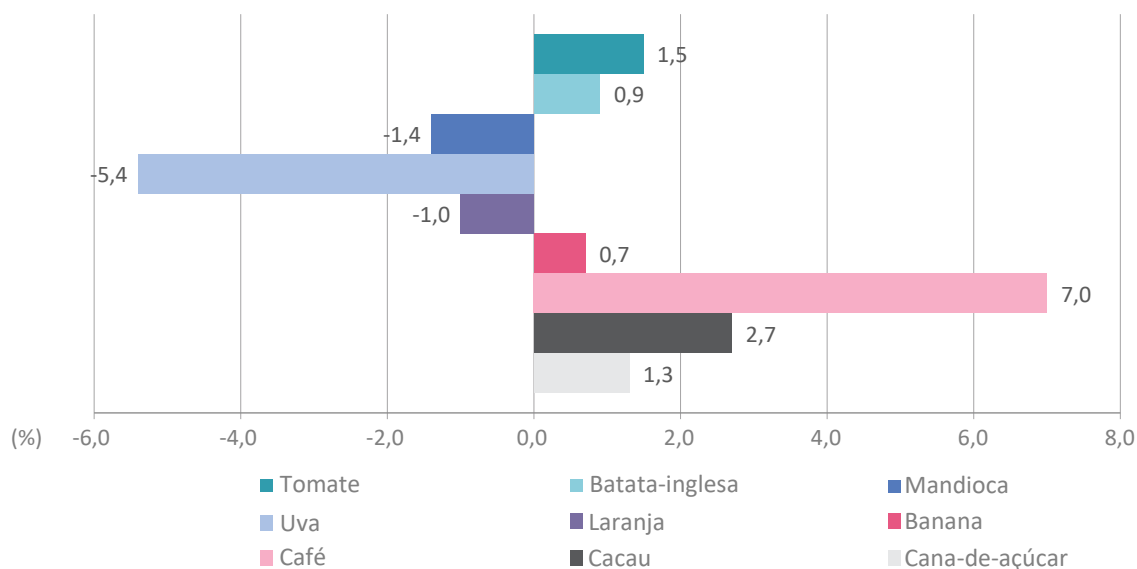
Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,54 milhões de toneladas, revelando aumento de 1,3% em relação à safra 2023. A produção do cacau, que ficou projetada em 123 mil toneladas, também aponta crescimento de 2,7% na comparação anual.

8 BOLETIM AIBA: panorama para a estimativa da produção de grãos no oeste da Bahia. Barreiras: AIBA, n. 38, 29 jul. 2024. Safra 2023/24. Disponível em: <https://aiba.org.br/boletins-safra/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

9 BOLETIM AIBA: panorama para a estimativa da produção de grãos no oeste da Bahia. Barreiras: AIBA, n. 33, 20 maio 2024. Safra 2023/24. Disponível em: <https://aiba.org.br/arquivos/boletins/Boletim%2033%20de%2025-05-2024.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2024.

Em relação ao café, está prevista a colheita de 264 mil toneladas este ano, 7,0% acima do observado no ano passado. A safra do tipo arábica está projetada em 111 mil toneladas, com variação anual de 10,4%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora teve previsão de 153 mil toneladas, o que corresponde a um volume 4,6% acima do nível do ano anterior.

Gráfico 2
Variação anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias
Bahia – 2023/2024



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (920 mil toneladas), laranja (628 mil toneladas) e uva (62 mil toneladas), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 0,7%, -1,0% e -5,4% em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indica uma produção de 925 mil toneladas de mandioca, 1,4% menor que a de 2023. A produção de batata-inglesa, estimada em 335 mil toneladas, apresenta acréscimo de 0,9%; e a do tomate, estimada em 182 mil toneladas, aponta alta de 1,5% na comparação com a do ano anterior.

Pecuária

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE (2024),¹⁰ coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahia, foram abatidas aproximadamente

¹⁰ INDICADORES IBGE: estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, abr./jun. 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3087/epp_pr_2024_2tri.pdf. Acesso em: 5 set. 2024.

341 mil cabeças de bovinos no segundo trimestre de 2024, o que corresponde a uma alta de 17,3% na comparação com o mesmo trimestre de 2023. Também o abate de suínos (73 mil cabeças) apresentou crescimento na comparação trimestral, com alta de 17,3%.

A aquisição de leite, por sua vez, alcançou 147 mil litros no segundo trimestre, com aumento de 5,1% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os frangos abatidos no período somaram 32 milhões de cabeças, mantendo o mesmo patamar em relação ao segundo trimestre de 2023. A produção de ovos de galinha foi de 22,4 milhões de dúzias no segundo trimestre de 2024. O resultado representou queda de 7,5% em relação ao mesmo período do ano anterior.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

O cenário macroeconômico com queda na taxa de juros, controle da inflação e mercado de trabalho aquecido influenciou diretamente a transformação industrial do país nos primeiros meses de 2024. Nesse contexto, a indústria brasileira apresentou crescimento de 0,7% no indicador da produção física¹ no segundo trimestre do ano e acumulou no primeiro semestre taxa de 2,6%, comparados ao mesmo período de 2023.

O desempenho na produção industrial do país tem sido acompanhado por avanço na confiança dos empresários do setor. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getulio Vargas (FGV-IBRE) aumentou 1,9 ponto percentual entre março e junho de 2024, para 98,4 pontos. Segundo o especialista Stéfano Pacini da FGV:²

No cenário macroeconômico, apesar da interrupção do ciclo de quedas na taxa de juros, os indicadores de trabalho e renda continuam positivos e contribuem com o otimismo disseminado entre os segmentos da indústria.

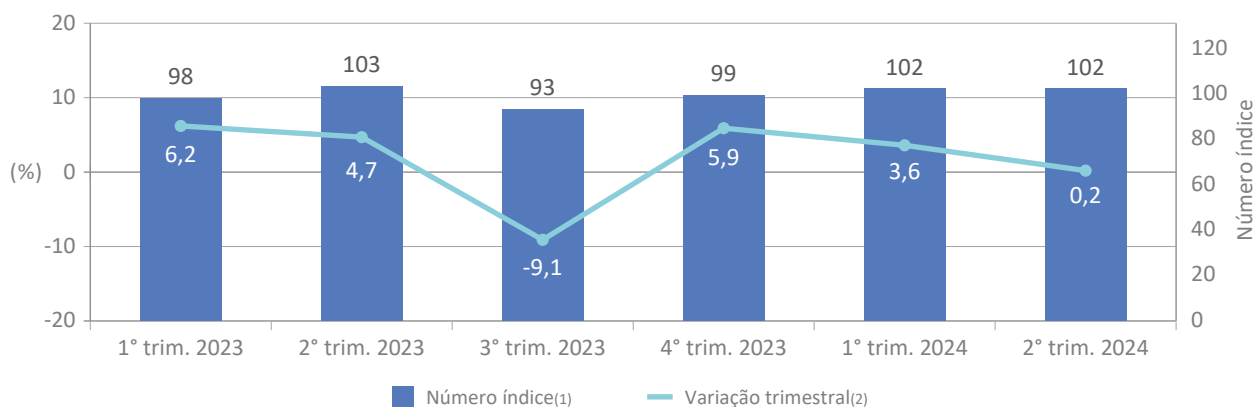
A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, registrou o terceiro avanço consecutivo com taxa de 0,2% no segundo trimestre, em relação ao primeiro trimestre, quando registrou crescimento de 3,6%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM),³ ilustrados no Gráfico 1.

1 Na série com ajuste sazonal.

2 SONDA GEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, jul. 2024. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2024-07/Sondagem%20da%20Industria%20FGV_press%20release_Jul24.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

3 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, jun. 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2024_jun.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Gráfico 1
Produção física industrial
Bahia – 1º trim. 2023-2º trim. 2024



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

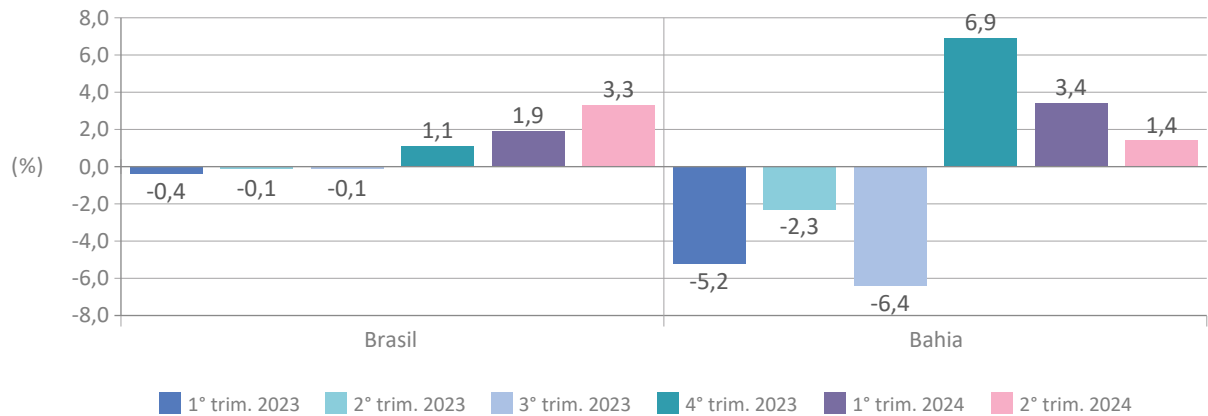
Nesse sentido, na comparação do segundo com o primeiro trimestre, destacam-se os aumentos nos segmentos de *Derivados de petróleo* (4,7%), *Celulose e papel* (2,7%), *Produtos de borracha e material plástico* (1,6%) e *Alimentos* (1,1%),⁴ na série livre de influências sazonais.

De outro ponto de vista, no período abril a junho de 2024, a produção física da indústria baiana manteve a trajetória de crescimento observado no trimestre anterior, passando de 3,4% para 1,4%, na comparação com o mesmo período de 2023 (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país registrou avanço de 3,3%, após apresentar aumento com taxa de 1,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

A principal contribuição positiva no trimestre para o setor nacional veio de bens de capital (11,7%), seguido por bens de consumo duráveis (7,7%) e bens de consumo semi e não duráveis (6,4%). Para bens de capital, destacam-se os avanços em bens de capital para equipamentos de transporte (18,8%) e para fins industriais (8,5%). No setor de bens intermediários observou-se avanço de 1,0%.

⁴ Elaboração própria do ajuste sazonal.

Gráfico 2
Produção física industrial
Brasil e Bahia – 1º trim. 2023-2º trim. 2024



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Setorialmente, as maiores contribuições no segundo trimestre para o desempenho da produção industrial baiana foram observadas em *Derivados de petróleo* (3,3%), *Produtos químicos* (2,3%), *Produtos de borracha e de material plástico* (9,0%), *Celulose e papel* (5,8%) e *Bebidas* (11,3%). Por sua vez, contribuíram negativamente *Indústria extrativa* (-6,9%), *Metalurgia* (-21,6%), *Couro, artigos para viagem e calçados* (-5,4%) e *Produtos de minerais não metálicos* (-7,0%).

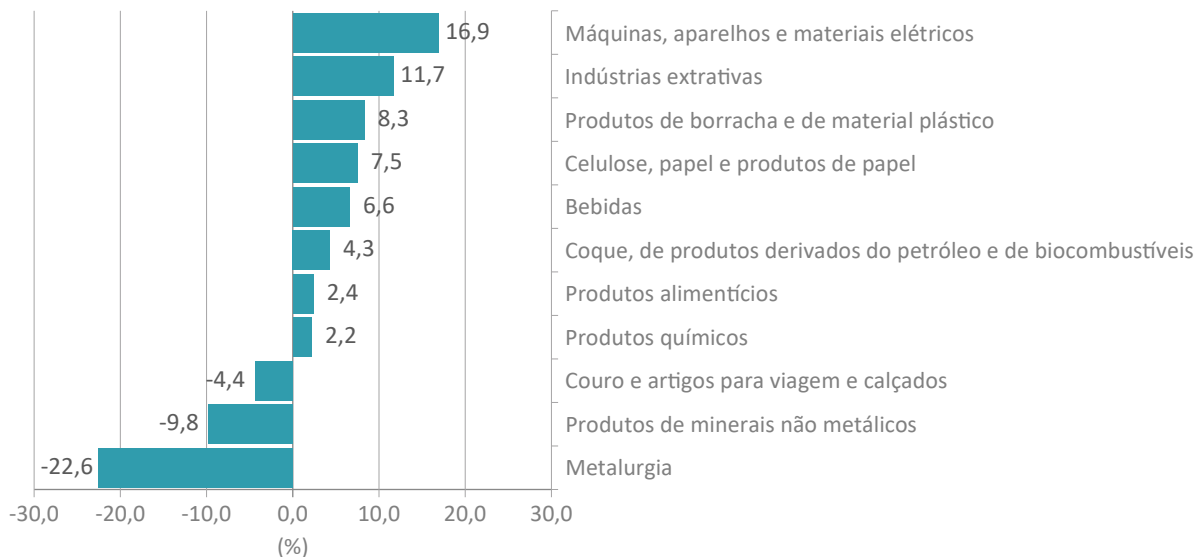
No período janeiro a junho de 2024, a indústria baiana avançou 2,4% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos da indústria baiana, observa-se que a maioria apresentou taxas positivas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3.

A *Indústria extrativa* apresentou aumento de 11,7% no primeiro semestre, principalmente em decorrência do crescimento na produção de óleos brutos de petróleo, minérios de cromo e pedras britadas. Ressalta-se que unidades produtivas do setor tiveram as atividades paralisadas em 2023, evidenciando uma base de comparação baixa.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana (1,9%), tem-se, inicialmente, o setor de *Derivados de petróleo*, que registrou avanço na produção de 4,3%, principalmente devido ao aumento no processamento de óleo diesel, querosene de aviação e gasolina. Houve aumento no preço médio das

vendas externas do setor (13,3%) e queda de 31,0% no volume embarcado no semestre, principalmente atribuído à redução das vendas de óleo combustível (-40,0%).⁵

Gráfico 3
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – Jan.-jun. 2024



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

O segmento de *Produtos de borracha e material plástico*, com avanço de 8,3% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente, pelo aumento na produção de insumos para construção civil, embalagens plásticas e pneus.

Já o segmento de *Celulose e papel* cresceu 7,5% no período, e também foi impactado por parada programada para manutenção em unidade do setor em 2023, resultando em base de comparação baixa. E o desempenho foi influenciado, principalmente, pelo aumento na produção de pasta química de madeira. Do lado dos preços, houve alta do preço médio do segmento de celulose e papel em 12,0% no semestre, de acordo com o Boletim de Comércio Exterior da Bahia (2024).⁶ A ampliação da oferta de celulose também foi beneficiada pelos baixos estoques do produto no mercado. Para o segundo semestre, está programada uma parada geral para manutenção em uma das unidades dessa indústria no estado.

⁵ DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, jun. 2024. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_jun_2024.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

⁶ Idem.

O aumento da produção no segmento de alimentos está atribuído, em especial, à maior produção de carne bovina, produto destinado ao mercado externo africano e asiático, tendo em vista a melhora gradual nos preços médios. No mercado doméstico, a demanda por alimentos acompanha a dinâmica do emprego e da renda, que continua com crescimento nos primeiros meses de 2024 e rebate na ampliação do volume de vendas do varejo de *Hiper e supermercados* (11,9%), confirmando a dinâmica do setor no período.

Já a produção industrial de *Produtos químicos*, que recuou por cinco trimestres consecutivos, apresentou o segundo aumento consecutivo no segundo trimestre do ano, com taxa de 2,3%, acumulando no semestre crescimento de 2,4%, principalmente em razão da maior fabricação de bens químicos de uso industrial. Porém, ainda perpassa por dificuldades no mercado devido à falta de competitividade, em razão dos elevados custos das principais matérias-primas, nafta e gás natural.

O setor de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* registrou avanço de 16,9% no semestre, atribuído, principalmente, à maior produção de eletrodomésticos.

A indústria de *Bebidas* cresceu em 6,6% no período, impactada pela maior produção de refrigerantes e águas minerais. A expectativa é de continuidade do aumento na produção no próximo semestre, motivado pela ampliação da demanda durante o verão.

A principal contribuição negativa para o período veio da indústria metalúrgica, com taxa de 22,6%, sobretudo pela menor produção de derivados de cobre e ferro cromo. No semestre, as vendas externas do setor metalúrgico recuaram 43,6% e os preços médios do setor recuaram 38,4%.⁷

A produção de *Minerais não metálicos* caiu 9,8% no período. Houve recuo, principalmente, na fabricação de produtos cerâmicos e outros insumos para o setor da construção. O desempenho do setor reflete as incertezas dos empresários diante da conjuntura de aperto no mercado de crédito, atrelado às elevadas taxas de juros que impactam o setor da construção. Todavia, a expectativa de mais lançamentos de empreendimentos imobiliários subsidiados pelo governo federal e as medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) devem alavancar todo o setor da construção, impulsionando a produção do segmento nos próximos trimestres.

Na indústria de *Couro e calçados*, o decréscimo de 4,4% do setor deu-se especialmente pela queda na produção de calçados e de insumos para o setor.

⁷ DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, jun. 2024. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_jun_2024.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

Para o segundo semestre de 2024, é esperada a manutenção do crescimento, mormente na produção dos setores mais tradicionais como alimentos e bebidas, que têm sido beneficiados pelo aumento da massa de rendimento da população ocupada. A expectativa para os próximos meses é de dinamização na atividade industrial à medida que os investimentos previstos sejam realizados e a proposta de reforma tributária seja efetivada.

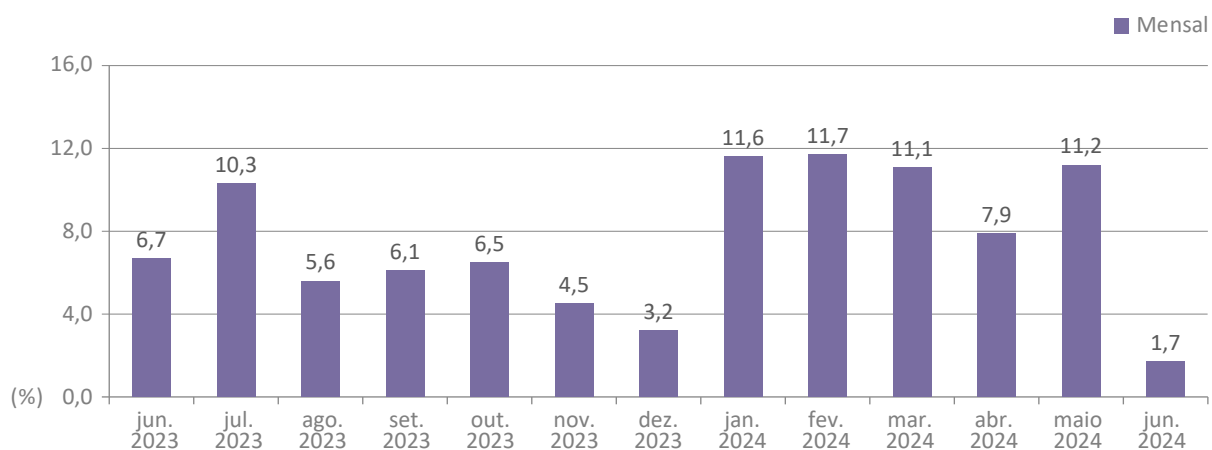
Por outro lado, o cenário internacional incerto, face aos riscos geopolíticos e à economia global aquecida, pode pressionar a inflação, via os preços do petróleo, o fluxo comercial e a taxa de juros pressionando os custos de toda a cadeia de produção industrial.

Comércio Varejista

Elissandra Alves de Brito
elissandra@sei.ba.gov.br

O comportamento do comércio no segundo trimestre de 2024 mostrou mudança de ritmo. As vendas cresceram de forma arrefecida, como pode ser observado na análise mensal, em que de abril a junho as intensidades na expansão dos negócios não foram as mesmas (Gráfico 1).

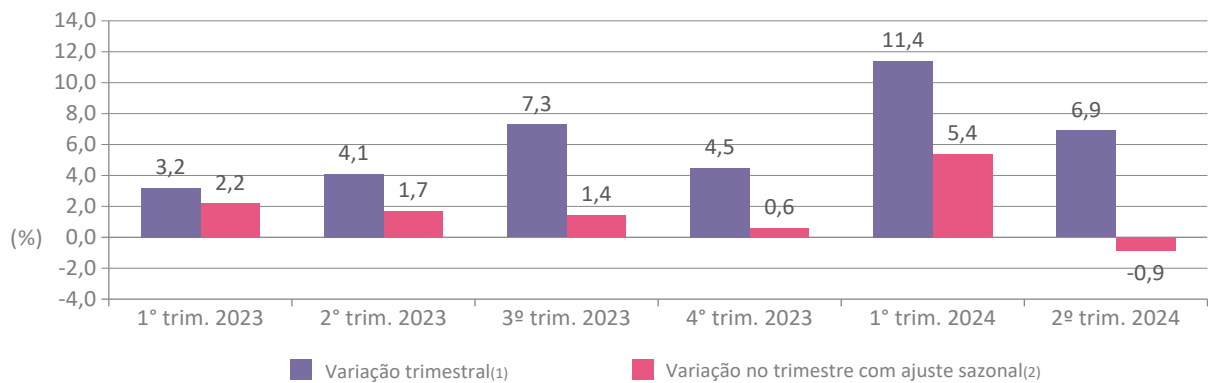
Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 2023-2024



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2024).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Na análise trimestral, quando observado o comportamento das vendas do varejo baiano no segundo trimestre, em relação a igual período do ano anterior, se identifica crescimento de 6,9%. Entretanto, em relação ao trimestre imediatamente anterior tem-se queda de 0,9% (Gráfico 2). A inflação associada às limitações financeiras das famílias e às taxas de juros ainda elevadas evidenciam a dificuldade em se definir uma trajetória mais consistente para o comportamento do setor.

Gráfico 2
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 1º trim. 2023-2º trim. 2024



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Na Bahia, o endividamento das famílias aumentou, apesar de, no cenário nacional, interromper tendência de crescimento. De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em junho de 2024, o índice registrado foi de 66,5%, ao passo que no mês anterior havia sido de 65,4%, e em igual mês do ano passado foi de 65,1%.

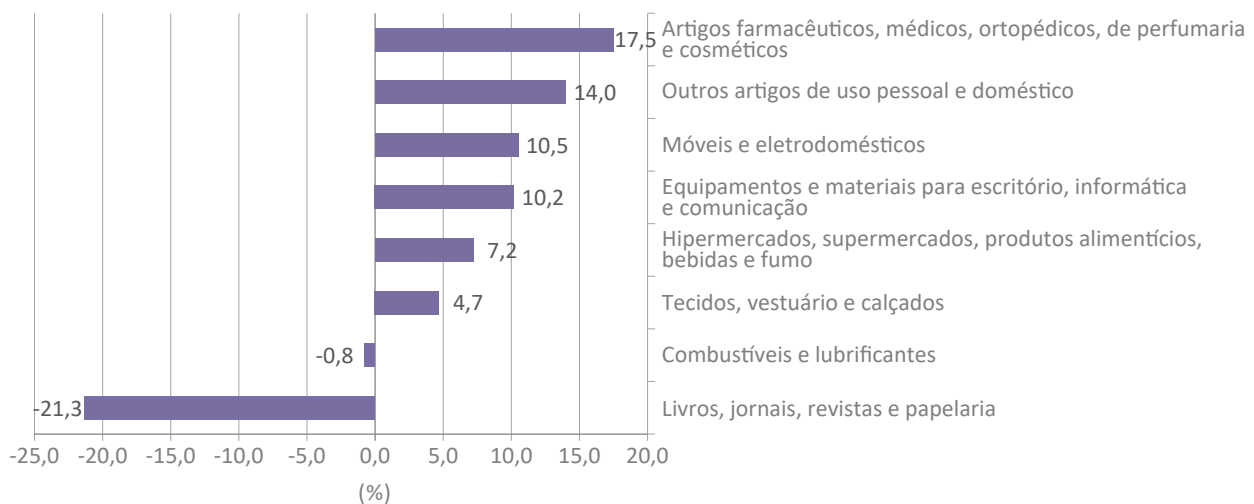
O comportamento do varejo ligado ao crédito e a renda pode explicar a trajetória do setor no trimestre em questão. O primeiro engloba bens duráveis, como móveis, eletrodomésticos e veículos, enquanto o segundo contempla itens mais essenciais, como alimentos, artigos farmacêuticos e combustíveis. Nesse âmbito, as políticas de incentivo do governo federal podem aumentar ou reduzir a disparidade da trajetória dos segmentos diretamente influenciados por essas variáveis.

Segundo análise da Fundação Getúlio Vargas, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), do Instituto Brasileiro de Economia (FGV IBRE), em médias móveis trimestrais, refletiu para a confiança, uma melhora tímida na média do segundo trimestre com relação ao trimestre passado. O impedimento em se atingir níveis mais satisfatórios de confiança está vinculado a juros elevados, embora em ritmo de queda, e limitações financeiras das famílias.

De acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na série sem o ajuste sazonal, o crescimento do varejo baiano no segundo trimestre refletiu o comportamento de seis dos oito segmentos que compõem o setor, são eles: *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*

(17,5%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (14,0%), *Móveis e eletrodomésticos* (10,5%), *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (10,2%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (7,2%) e *Tecidos, vestuário e calçados* (-4,7%). Já *Combustíveis e lubrificantes* (-0,8%) e *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-21,3%) registraram recuo nas vendas no período analisado (Gráfico 3).

Gráfico 3
Volume de vendas das atividades do comércio varejista(1)
Bahia – 2º trim. 2024



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2024).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações positivas, destaca-se o comportamento de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista. O seu desempenho é resultado da desaceleração no aumento dos preços verificada no período, associado à melhoria do emprego, com aumento na taxa de ocupação de 2,1% em relação ao mesmo trimestre do ano passado, e aumento da massa real de rendimento efetivamente recebido.

Os demais segmentos a se destacarem no trimestre foram das atividades *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*, *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* e *Móveis e eletrodomésticos*. Os dois primeiros foram influenciados pelo aumento da massa real de rendimento do consumidor e desaceleração nos preços dos produtos comercializados e as vendas realizadas por lojas de departamento, tradicionalmente responsáveis por comercializar bens de menor valor agregado. Já *Móveis e eletrodomésticos*, segmento bastante influenciado pela disponibilidade de crédito, teve suas vendas impulsionadas pela deflação verificada nos bens comercializados no ramo e pelas taxas de juros mais acessíveis.

Por outro lado, das contribuições negativas, ressalta-se *Combustíveis e lubrificantes*, que recuou 0,8% no trimestre analisado. Apesar de se tratar de um bem inelástico, as constantes elevações dos preços verificadas nesse segmento levaram o consumidor a repensar o uso do seu veículo, buscando novas alternativas de mobilidade.

Na análise semestral, observa-se que o comportamento de tendência nos segmentos que compõem o setor se mantém, com exceção de *Combustíveis e lubrificantes* (Tabela 1). Diante do quadro exposto, constata-se que as vendas de bens essenciais puxaram o bom resultado do varejo restrito nos primeiros seis meses deste ano, contrapondo a retração apresentada pelos segmentos que comercializam bens de menor valor agregado, como *Livros, jornais, revistas e papelaria*.

Tabela 1
Volume de vendas do comércio varejista – no acumulado do ano
Bahia – 2024(1)

Atividade	(%)
Comércio Varejista	9,1
1 - Combustíveis e lubrificantes	2,2
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	11,9
2.1 - Hipermercados e supermercados	12,9
3 - Tecidos, vestuário e calçados	0,0
4 - Móveis e eletrodomésticos	7,3
4.1 - Móveis	9,4
4.2 - Eletrodomésticos	5,8
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	13,8
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	13,1
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-26,2
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	14,0
Atacado Selecionado e Outros(2)	8,0
9 - Veículos, motocicletas, partes e peças	12,1
10 - Materiais de construção	21,3
11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,9

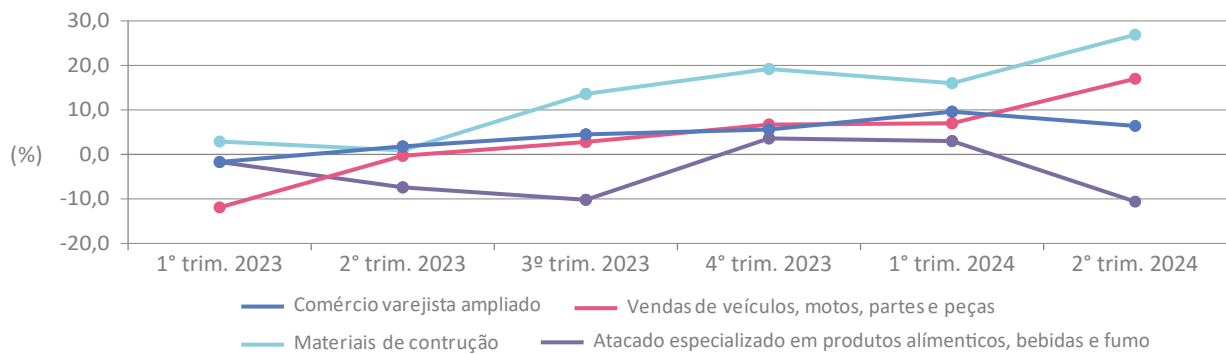
Fonte: IBGE - PMC.

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11.

No comércio varejista ampliado denominado de *Atacado Selecionado e Outros*, que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motocicletas, partes e peças, Materiais de construção* e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, a expansão no trimestre foi de 6,4%, em relação a igual período do ano anterior. Na mesma comparação, verifica-se que a taxa no país também foi positiva em 4,6% (Gráfico 4).

Gráfico 4
Volume de vendas do comércio varejista ampliado
Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2024



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio Varejista (2024).
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No acumulado, o comércio ampliado também apontou expansão (8,0%) nas vendas do varejo baiano, em relação ao mesmo período de 2023 (Tabela 1). E assim, como verificado na análise trimestral, suas vendas foram impulsionadas pela atividade de *Materiais de construção* (21,3%).

Nesse contexto, o destaque no período ficou por conta de *Materiais de construção*, que exerceu a maior contribuição para o volume de vendas do comércio varejista no segundo trimestre (26,9%). Tratando-se de um ramo influenciado pela renda e principalmente pelo crédito, essa atividade teve ao longo desse trimestre crescimento expressivo acima de 10,0%.

Já *Veículos, motos, partes e peças* também registrou expansão dos negócios no trimestre, mas não passou de dois dígitos. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas impulsionadas em razão do aumento de crédito para o setor, diante das taxas de juros mais atrativas.

Quanto a *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, o movimento foi em sentido oposto. Nesse segundo trimestre, a retração alcançou a taxa de -10,6%. Sujeito às variações de preços dos alimentos no mercado, assim como a disponibilidade de renda do consumidor, esse segmento apresentou comportamento díspar, quando comparado às vendas do ramo no comércio restrito, o que indica que, com a desaceleração nos preços dos alimentos, a compra no atacado não está sendo mais utilizada pelos consumidores como estratégia para ampliar a cesta de bens trazida para casa.

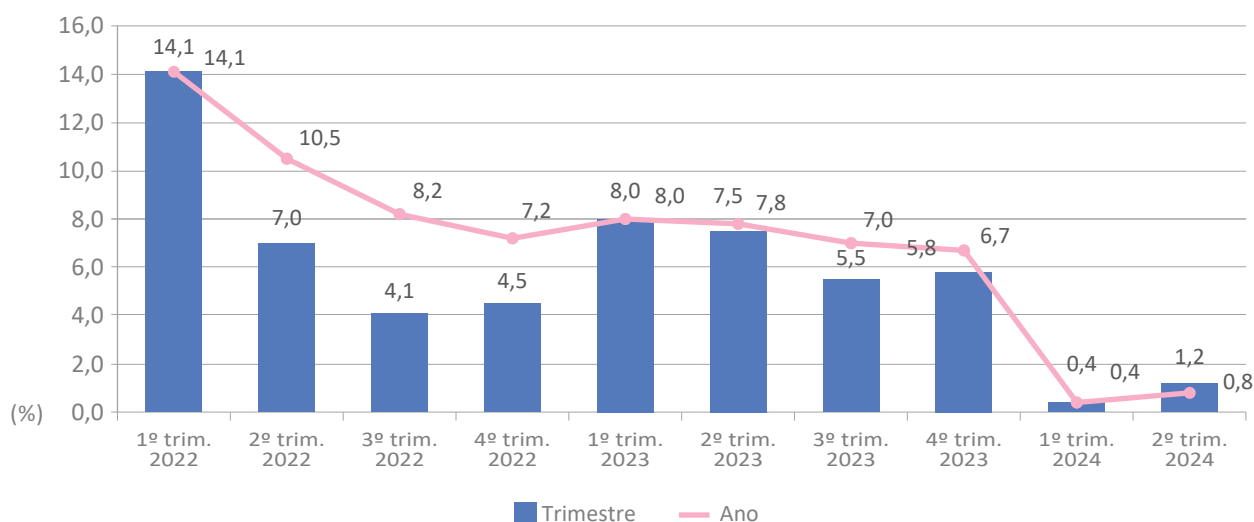
Nesse aspecto, os dados apresentados pela pesquisa sobre comércio varejista no segundo trimestre de 2024 revelam que o setor perdeu ritmo de crescimento, a despeito de seis dos oito segmentos que compõem o Indicador de Volume de Vendas registrarem expansão. Com a contenção do impulso fiscal previsto para os próximos meses, esse movimento deve se intensificar. Assim, a expectativa para o próximo trimestre é que a perda de ritmo de crescimento nas vendas seja mantida.

Serviços

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o segundo trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 1,2%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a décima terceira taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. Cabe destacar que essa variação seguiu a mesma tendência que a média nacional (2,0%) (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de serviços(1)(2)
Bahia – 1º trim. 2022-2º trim. 2024



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, duas das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para as atividades de *Serviços prestados às famílias* (10,4%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (5,6%). Por outro lado, as atividades de *Outros serviços* (-5,3%), *Serviços de informação e comunicação* (-4,7%) e *Serviços de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (-0,4%) retraíram.

Na comparação nacional, 21 das 27 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (2,0%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Amazonas (7,3%), no Espírito Santo (6,6%), Amapá (6,1%), Sergipe (5,0%) e Santa Catarina (4,5%). Nessa comparação, a Bahia (1,2%) contabilizou a décima sexta variação positiva entre as unidades da Federação. Em contrapartida, Rio Grande do Sul (-9,5%), Mato Grosso (-7,1%), Roraima (-5,9%) e Mato Grosso do Sul (-5,3%) registraram as variações negativas mais significativas.

Segundo informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), sistematizadas pela SEI e de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, a Bahia seguiu a mesma tendência do volume de serviços, confirmando o bom desempenho do setor nesse segundo trimestre de 2024. O setor incorporou 2.886 novos postos de trabalho com carteira assinada. Esse resultado é inferior ao do ano de 2023, de 5.315 novos empregos celetistas.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de serviços no estado totalizou perto de R\$ 1,2 bilhão no segundo trimestre, com retração nominal de 16,8% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Isso representa uma redução de mais de R\$ 238 milhões na arrecadação do estado, puxada pela atividade de *Serviços de utilidade pública* (-22,4%), que representa 80,0% do total.

O volume da Bahia avançou 0,8% no acumulado do primeiro semestre do ano de 2024, em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, duas das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de *Serviços prestados às famílias* (11,0%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (1,6%). Por outro lado, três das cinco atividades puxaram o volume de serviços para baixo, destacando-se as atividades de *Outros serviços* (-5,9%), *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (-1,3%) e *Serviços de informação e comunicação* (-0,8%).

Na comparação nacional, 21 das 27 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (1,6%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Amazonas (6,5%), Tocantins (5,3%), Santa Catarina (5,2%) e Espírito Santo (4,5%). Nessa comparação, a Bahia (0,8%) contabilizou a quarta variação positiva menos expressiva entre as unidades da Federação. Em contrapartida, Mato Grosso (-6,4%), Roraima (-5,5%), Rio Grande do Sul (-4,9%) e Mato Grosso do Sul (-4,6%), registraram as maiores variações negativas.

Cabe destacar que, apesar do resultado positivo, tanto do volume quanto da geração de novos postos de trabalho, a desaceleração do setor impactou na arrecadação do estado. A perspectiva para os próximos meses é de manutenção de uma taxa positiva no volume de serviços, pois as pesquisas de sondagens empresariais, até o momento, apontam para essa direção. Como podem ser confirmadas pela expectativa da sondagem empresarial da Fundação Getulio Vargas (FGV)¹ e do Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB)² da SEI.

Conforme a sondagem empresarial da FGV, o Índice de Confiança de Serviços (ICS) do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da FGV registrou relativa estabilidade em julho ao variar 0,2 ponto para 94,2 pontos. Em médias móveis trimestrais, o índice registrou -0,2 ponto. “O resultado de julho da sondagem ratifica o ano de perda de fôlego do setor com tendência de estabilidade na confiança. Apesar do resultado positivo em alojamento e alimentação, as expectativas esfriam nos demais setores, demonstrando cautela dos empresários quanto ao futuro dos negócios. Em compensação, a situação atual mostra que o setor apresenta resultados positivos no volume de demanda no período, mas apenas recuperando parte do que foi perdido no mês anterior. O cenário macroeconômico de bons níveis de renda e emprego contribui, em parte, com o momento mais seguro da demanda de serviços. Por outro lado, a interrupção no ciclo de queda da taxa de juros pode estar sendo refletida na cautela em relação aos próximos meses”, avaliou Stéfano Pacini, economista do IBRE.

O ICEB, métrica elaborada e calculada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) para monitorar as expectativas do setor produtivo do estado, marcou -126 pontos em julho, numa escala que vai de -1.000 a 1.000 pontos. Trata-se da sexta pontuação abaixo de zero em sequência e do menor patamar desde abril de 2023.

De junho a julho, o setor de *Serviços* exibiu uma redução de 56 pontos, isso depois de ter aumentado. Trata-se do maior recuo mensal entre as atividades. O indicador ficou abaixo de zero pelo sexto mês seguido. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, ocorreu uma diminuição de 133 pontos, retratando um maior encolhimento anual entre os grupamentos. O nível de confiança se posicionou superior à média histórica (de -209 pontos) em 52 pontos no mês investigado.

1 https://portalibre.fgv.br/system/files/divulgacao/noticias/mat-complementar/2024-07/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV_press%20release_Julho24.pdf.

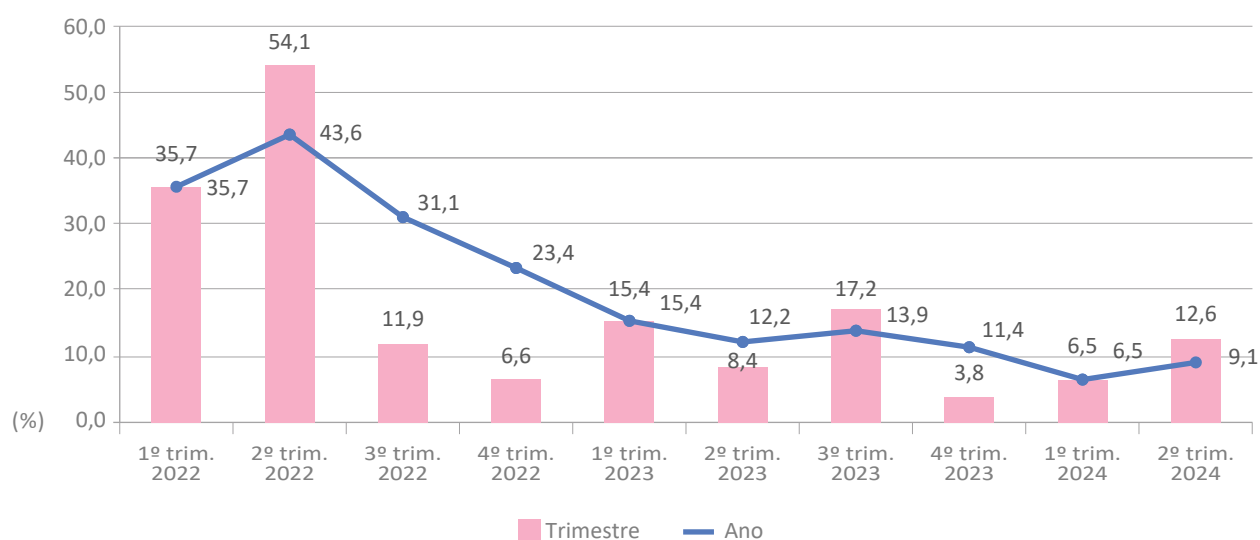
2 https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/iceb/rel_ICEB_jul24.pdf.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com sistematização da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹ na Bahia, quando comparado com o segundo trimestre do ano de 2023, marcou expansão de 12,6%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a décima terceira taxa positiva para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas(1)(2)
Bahia – 1º trim. 2022-2º trim. 2024



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

O volume do agregado especial das atividades turísticas no Brasil cresceu 2,3% no segundo trimestre do ano de 2024, frente a igual período de 2023. Regionalmente, oito dos 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos da Bahia (12,6%), Minas Gerais (12,0%), Santa Catarina (9,7%), Paraná (6,9%) e Ceará (6,1%).

¹ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços culturais, de recreação e lazer; Locação de automóveis sem condutor; Agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

Nessa comparação, a Bahia apontou a primeira variação positiva mais expressiva e superior à média nacional. Em contrapartida, o Rio Grande do Sul (-28,5%), Espírito Santo (-5,2%), Distrito Federal (-2,8%) e Goiás (-1,1%) contabilizaram recuos.

O mercado de trabalho formal acompanhou a mesma tendência apresentada pelo volume das atividades turísticas. De acordo com as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego e sistematização da SEI, no segundo trimestre de 2024, na Bahia, o setor de turismo incorporou 1.354 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 15.811 admissões e 14.457 desligamentos. Tal resultado, por sinal, revelou-se melhor do que o de um ano antes, já que o saldo no conjunto dos meses de abril a junho de 2023 havia sido de 701 empregos celetistas.

No segundo trimestre de 2024, na Bahia, dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo,² 18 exibiram saldo positivo, oito registraram resultados negativos e um ficou com saldo nulo. No referido intervalo, os melhores resultados despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+601 vagas), *Transporte rodoviário de táxi* (+162 vínculos) e *Hotéis e similares* (+160 postos). Por outro lado, *Parques de diversão e parques temáticos* (-21 empregos), *Concessionárias de rodovias, pontes, túneis e serviços relacionados* (-18 postos) e *Transporte por navegação de travessia* (-8 vagas) foram os com menores saldos, exibindo mais desligamentos do que admissões.

O volume das atividades turísticas no Brasil cresceu 1,3%, entre janeiro e junho de 2024, frente a igual período de 2023. Sete dos 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos da Bahia (9,1%), Minas Gerais (9,0%), Santa Catarina (6,1%), Rio de Janeiro (5,0%). Nessa análise, a Bahia registrou a primeira posição em relação às variações mais expressivas entre os locais investigados e foi superior à média nacional. Em sentido oposto, o Rio Grande do Sul (-16,0%) registrou o impacto negativo mais importante no acumulado do ano no turismo, seguido por Espírito Santo (-8,8%) e Distrito Federal (-5,4%) (Gráfico 7). É relevante ressaltar que a tragédia que ocorreu no Rio Grande do Sul com as enchentes e alagamentos, nos meses de abril e maio, impactou negativamente para o estado e positivamente para outros estados, pois muitos turistas mudaram o seu destino. Isso deverá ter reflexo em todo o ano de 2024.

O setor de turismo gerou 553 postos de trabalho com carteira assinada no primeiro semestre de 2024, puxado, principalmente, pelas atividades de *Transporte rodoviário coletivo de passageiros sob regime de fretamento* (+265 postos), *Locação de automóveis sem condutor*

² Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

(+203 postos) e *Transporte rodoviário de táxi* (+202 postos). Com a mesma tendência positiva, a zona turística que mais registrou aumento no número de trabalhadores formais foi a Caminhos do Sudoeste (+377 postos).

Nesse contexto, cabe destacar que os investimentos das empresas públicas e privadas para a realização do Carnaval em Salvador, do Festival de Areembepe em Camaçari, as festas populares, religiosas e os festejos juninos em grande parte nos municípios baianos foram essenciais para impulsionar o turismo no primeiro semestre.

A expectativa é de manutenção da expansão do setor turístico para o ano de 2024, uma vez que abrange um período intenso de grandes eventos, tais como: o tradicional Desfile da Independência do Brasil na Bahia, o Festival de Chocolate, as celebrações a Santa Dulce dos Pobres, a romaria de Bom Jesus da Lapa, a novena de Santa Luzia, a festa de Santa Bárbara, a novena em honra a Nossa Senhora da Conceição da Praia, a festa do Bom Jesus dos Navegantes, entre outras. Além disso, temos também as festas natalinas, as da virada do ano que são realizadas em Salvador e em grande parte dos municípios baianos, além da confirmação dos cruzeiros marítimos para a temporada 2024/2025.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Pedro Henrique Ferreira Matos
pedromatos@sei.ba.gov.br

Lázaro Enzo Lima Barbosa
lazarobarbosa@sei.ba.gov.br

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) estão todos prevendo uma forte recuperação nos fluxos globais de produtos este ano, após uma desaceleração em 2023 que foi impulsionada por preços mais altos, taxas de juros em alta e demanda fraca.

A OCDE estima um crescimento no comércio global de bens e serviços de 2,3% este ano e de 3,3% em 2025, comparado a um crescimento de apenas 1% no ano passado.

Em seu último World Economic Outlook, o FMI também previu que o crescimento nos volumes do comércio global atingiria 3% em 2024. A OMC, que não fornece previsões para o comércio de serviços, espera que o comércio de bens aumente 2,6% em 2024, após uma queda de 1,2% no ano passado.

Apesar dos sinais positivos, não se espera que o crescimento do comércio global retorne aos níveis pré-pandêmicos este ano. Os volumes do comércio de bens e serviços cresceram a uma taxa anual média de 4,2% entre 2006 e 2015, segundo dados do FMI.

A OCDE, FMI e OMC alertaram sobre os riscos ao comércio causados por tensões geopolíticas, conflitos regionais e incertezas econômicas, com os governos se concentrando na segurança nacional, autossuficiência e apoio às empresas domésticas.

Segundo a OMC, os fluxos comerciais entre blocos de países geopoliticamente alinhados crescem 4% mais devagar do que o comércio dentro desses blocos desde a invasão da Ucrânia pela Rússia.

A eleição nos Estados Unidos se soma à lista de incertezas sobre o comércio global no próximo ano. O ex-presidente Donald Trump, presumível candidato republicano, prometeu um aumento de tarifas de 10 pontos percentuais em todos os parceiros comerciais da nação se for reeleito, sugerindo penalidades ainda maiores sobre as importações chinesas.

Há também a questão do "excesso de capacidade" industrial da China, com o que o ocidente vem reagindo com medidas restritivas e sobretaxas. A degradação do setor imobiliário da

China e a redução do apetite por produtos que vão do vidro ao aço levaram os fabricantes a caçar clientes em outros países.

Por consequência dessa instabilidade porque passa a economia chinesa, Estados Unidos, União Europeia e outros países vêm acusando o país oriental de ter acumulado um excesso de capacidade de produção em vários setores, como resultado de uma política de crescimento baseado no investimento e na exportação. Argumentam que os chineses estão desovando esse excesso de produção nos mercados globais. Nos últimos meses, vários países, inclusive o Brasil, adotaram medidas para limitar a entrada de aço chinês. A China pouco tem feito para responder a essas preocupações dos parceiros.

Segundo a Global Trade Alert (GTA), entidade que monitora mudanças de regras comerciais dos países que afetam o comércio global, a China é de longe o principal alvo de medidas restritivas. Mas não é o único. O número de medidas discriminatórias adotadas pelos países e que dificultam o comércio disparou a partir de 2020, por causa da pandemia, e segue em nível muito alto.

A tendência é bastante clara: os países estão cada vez mais recorrendo a medidas protecionistas, dificultando o comércio, e aqueles que podem adotam ainda medidas de apoio à produção local. É um mundo de comércio cada vez mais controlado, completamente diferente daquele que se imaginava no início deste século.

As exportações brasileiras bateram recorde no primeiro semestre de 2024, alcançando US\$ 167 bilhões. O superávit comercial brasileiro chega a US\$ 41,6 bilhões até junho, inferior em 6,7% ao registrado no mesmo período do ano passado, quando a balança comercial bateu o recorde histórico e já havia acumulado US\$ 44,6 bilhões nos seis primeiros meses do ano.

O principal destaque pelo lado das exportações ficou por conta do volume embarcado de produtos da indústria extrativa (petróleo e minério de ferro) e agropecuários, que compensaram boa parte da queda de preços observada até o momento. Pelo lado das importações, o destaque é o crescimento da quantidade das compras externas de bens de capital, intermediários e de consumo.

Os resultados da balança não foram significativamente impactados pelo desastre das chuvas no Rio Grande do Sul, porque o estado já havia colhido a maior parte da safra quando ocorreram as enchentes, em maio.

No país, a soja foi o principal produto exportado no primeiro semestre, com participação de 16,7%, embora com variação negativa de 16,3% em função da queda em suas cotações no

mercado internacional. *Óleos brutos de petróleo* foi o segundo produto, com participação de 14,5% e crescimento no valor de 30,4%, no comparativo interanual.

Em termos de participação nas exportações brasileiras, os Estados Unidos ocupam o segundo lugar, 11,5%, atrás da China, com participação de 30,9%. Com os Estados Unidos, o Brasil registrou um déficit de US\$ 218 milhões; e com a China, um superávit de US\$ 22,6 bilhões.

A liderança nas importações, em termos de volume, foi da China, e o principal produto importado foi veículo de passageiros, com aumento de +924% em valor, e participação de 8,8%. A China é a principal origem das importações totais do Brasil, com participação de 23,3%, seguida dos Estados Unidos, com 15,5%.

As perspectivas para a balança comercial não apresentam novas tendências, exceto um possível efeito negativo com as notícias sobre o menor crescimento chinês. Isso poderá reduzir a demanda por importações da China e, ao mesmo tempo, intensificar a venda de produtos chineses no mercado internacional, o que tem aumentado o número de medidas protecionistas no mundo contra o país.

As novas previsões para o fechamento do ano de 2024 apontam para novo recorde anual das exportações: US\$ 345,4 bilhões, o que representa crescimento de 1,7% em relação a 2023.

Em relação às importações, a Secretaria de Comércio Exterior projeta aumento de 10,6%, somando US\$ 266,2 bilhões. A corrente de comércio também tem previsão de recorde, com aumento de 5,4% para o ano (US\$ 611,6 bilhões). Já o saldo comercial tem previsão de fechar em US\$ 79,2 bilhões, o que representaria uma queda de 20% em relação ao ano anterior.

Embora o primeiro semestre tenha sido palco de uma forte desvalorização do câmbio doméstico, com alta de mais de 15% do dólar contra o real, o desempenho do fluxo cambial comercial voltou a se destacar. De janeiro a junho, o exportador brasileiro trouxe para o país o valor recorde de US\$ 158,4 bilhões, o maior montante nominal para o primeiro semestre do ano desde 1982, quando teve início a série histórica do Banco Central sobre o câmbio contratado.

O descasamento entre o fluxo recorde de exportação e a depreciação expressiva do real na primeira metade do ano pode ser explicado pela forte saída de dólares pela importação e pelo desempenho bastante negativo da conta financeira. No primeiro semestre, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 11,63 bilhões, abaixo do resultado visto nos últimos anos no mesmo período. Além disso, o elevado prêmio de risco embutido no câmbio pela incerteza fiscal pesou contra o real.

Tabela 1
Balança comercial
Bahia – Jan./jun. 2023/2024

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %
Exportações	5.158.826	5.373.672	4,16
Importações	4.739.328	5.624.167	18,67
Saldo	419.497	-250.495	-
Corrente de comércio	9.898.154	10.997.839	11,11

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 5 jul. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI /Distat/CAC

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

As exportações baianas tiveram crescimento de 4,2% no primeiro semestre de 2024 – alcançando US\$ 5,374 bilhões, em relação ao mesmo período de 2023 –, quando atingiram US\$ 5,159 bilhões. O volume embarcado no semestre foi 6,2% inferior no comparativo interanual, mas foi compensado pela valorização dos preços dos produtos exportados que subiram em média 11%.

No segundo trimestre, as exportações alcançaram US\$ 2,80 bilhões, com aumento de aproximadamente de 8% em relação ao mesmo período do ano anterior – desempenho superior ao do primeiro trimestre do ano, quando as vendas externas tiveram leve incremento de 0,3%. Já o volume embarcado registrou redução de 5,3% no comparativo interanual do segundo trimestre, contra uma queda maior que no primeiro trimestre (-7,1%). As importações fecharam o segundo trimestre a US\$ 3,44 bilhões, com incremento de 55,2% ante igual período do ano anterior, reflexo da atividade, mais forte, apesar da maior contribuição estar concentrada nas compras de combustíveis.

No semestre, o principal destaque pelo lado das exportações ficou por conta da valorização de produtos da *Indústria extrativa* em 73,5% (minérios e metais preciosos), da *Indústria de transformação* (10,3%) e dos *Agropecuários* (6,1%), compensando boa parte da queda registrada no volume exportado, principalmente dos produtos industriais que atingiu -16,7%.

O principal segmento da pauta de exportação baiana, a soja e seus derivados, manteve a liderança com 36,8% dos embarques, o equivalente a US\$ 1,13 bilhão (22% do total exportado pelo estado no semestre), mas recuou, em comparação ao primeiro semestre de 2023, em 11,4%, como consequência da redução dos preços em média de 16,3%. As cotações do grão entraram em rota descendente desde meados do ano passado, uma tendência que se manteve nos seis primeiros meses de 2024, reflexo das boas perspectivas para a safra 2024/2025 nos Estados Unidos.

Os melhores desempenhos também ficaram com segmentos da agroindústria, como o algodão que cresceu 282%, o café e especiarias em 59% e os derivados de cacau em 82% no comparativo interanual. Todos têm previsão anual de aumento na produção.

As exportações baianas para a China, principal destino dos produtos baianos, com 26,2% de participação, cresceram 14,2% no semestre, sempre calculado em relação ao mesmo período do ano anterior. As vendas totais para a Ásia também subiram 6,6%, em ritmo menor, devido à redução dos embarques de derivados de petróleo.

Na mesma base de comparação, as vendas para a América do Norte também cresceram 2,5%, enquanto para a América do Sul e Mercosul caíram 21,7% e 28,7%, respectivamente. Para a União Europeia também foi registrado recuo de 2,7%.

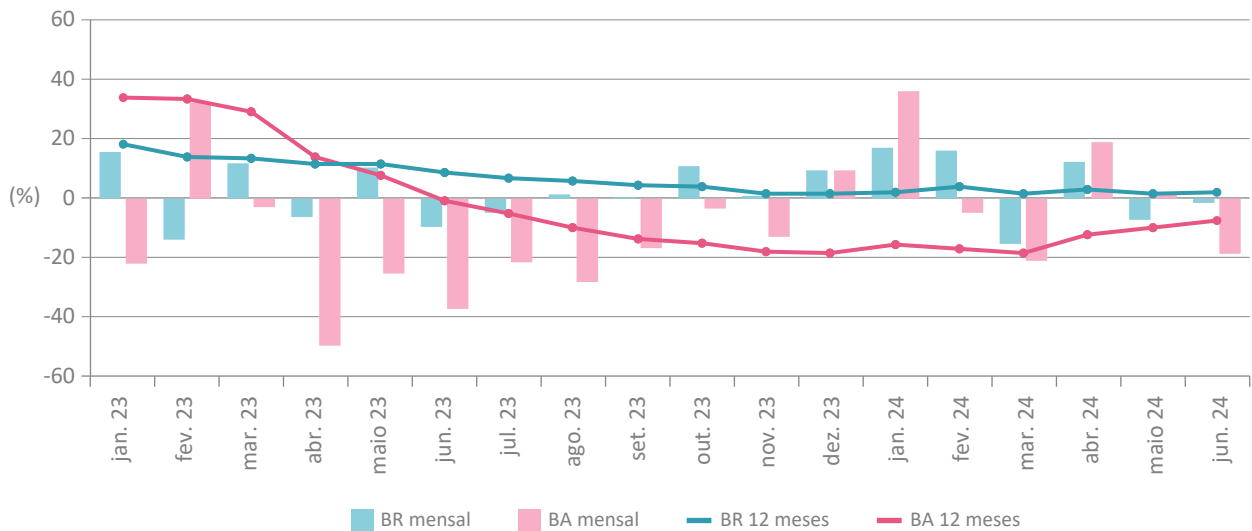
Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado continuam subindo em relação ao mesmo período de 2023, seguindo a tendência de alta registrada desde janeiro nesse comparativo. Eles tiveram incremento, na média, de 14% no segundo trimestre, ante 2,2% no primeiro trimestre, quando comparados a iguais períodos do ano anterior. No semestre, comparado ao primeiro semestre do ano passado, o aumento médio foi de 11%.

É bom também registrar que houve, no semestre, uma escalada no frete marítimo, devido às incertezas e perturbações que permanecem ocorrendo com a crise no Mar Vermelho, o que pressiona o fluxo comercial com a China.

Os custos mais altos do frete e os prazos de entrega mais longos também deverão levar ao aumento dos preços dos produtos importados e a possíveis atrasos na disponibilização de produtos nos mercados ocidentais este ano. Algumas empresas de transporte marítimo estão quebrando contratos de longo prazo para aproveitar as altas taxas no mercado à vista, segundo uma fonte do setor.

Com a perspectiva de imposição de novas tarifas pelos Estados Unidos, enquanto Joe Biden e Donald Trump promovem uma retórica protecionista, não está claro quanto tempo o “ciclo vicioso” vai durar.

Gráfico 1
Varição do Comércio Exterior – Exportações
Bahia/Brasil – 2023/2024



Fonte: MDIC/Secex.
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

O setor de derivados de petróleo, apesar do menor volume embarcado, liderou as vendas externas do estado no primeiro semestre, com faturamento de US\$1,15 bilhão, e queda de 8,2% no comparativo interanual. O quantum retraiu 18,3% no período, enquanto que os preços médios se valorizaram em 12,3%.

Mesmo com os preços da soja negociados na bolsa de Chicago terminando o primeiro semestre deste ano em queda, o complexo (grão e derivados) permaneceu na segunda posição da pauta no acumulado do semestre, com embarques que totalizaram 2,52 milhões de toneladas, o que representou um aumento de 5,8% frente ao mesmo período do ano passado, resultando em uma receita de US\$ 1,13 bilhão, 11,4% inferior a igual período de 2023. Isso em decorrência da citada desvalorização do grão no mercado internacional.

As cotações entraram em rota descendente no ano passado, uma tendência que se manteve nos seis primeiros meses de 2024, em consequência, principalmente, das boas perspectivas para a safra 2024/2025 nos Estados Unidos. Mesmo em período de entressafra de produto nos Estados Unidos, o preço da *commodity* recuou em Chicago no mês passado. O bom ritmo de plantio e as condições climáticas adequadas para a lavoura não abriram espaço para aumentos nas cotações.

Com isso, a soja acumulou queda de 12,26% no primeiro semestre, para US\$ 11,6205 o *bushel*.

Tanto a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) projetam uma produção menor de soja este ano, de 0,4% e 3,1%, respectivamente, num ciclo de baixa, apesar da maior área plantada. O rendimento, por sua vez, é menor este ano, por volta de (-6,0%) em relação à safra passada.

Acompanhando o bom desempenho da safra, tanto local como nacional, o algodão teve o maior incremento de vendas no semestre, com vendas de US\$ 386 milhões e incremento de 282,2% no comparativo interanual. O volume embarcado foi de 203,2 mil toneladas, 260,5% superior ao primeiro semestre do ano passado. A produção física estimada pela Conab avançou 6,8%, enquanto que a área plantada tem previsão de crescimento de 10,7%. Entre os principais mercados do algodão baiano estão China, Bangladesh, Turquia e Vietnã.

O Brasil se tornou o maior exportador de algodão do mundo. O feito aconteceu devido ao desempenho da safra 2023/2024, com a colheita de mais de 3,7 milhões de toneladas. Essa é a primeira vez que o país consegue o feito.

Tabela 2
Exportações baianas – principais segmentos
Jan./jun. 2023/2024

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2023	2024			
Soja e Derivados	1.276.035	1.130.733	-11,39	21,04	-16,27
Petróleo e Derivados	1.256.477	982.212	-21,83	18,28	13,28
Papel e Celulose	609.309	715.286	17,39	13,31	12,01
Químicos e Petroquímicos	540.959	463.190	-14,38	8,62	0,09
Algodão e Seus Subprodutos	100.990	385.955	282,17	7,18	6,01
Metais Preciosos	303.033	335.830	10,82	6,25	217,34
Minerais	212.843	305.213	43,40	5,68	99,97
Café e Especiarias	87.654	139.439	59,08	2,59	-2,09
Metalúrgicos	207.251	116.869	-43,61	2,17	-38,36
Cacau e Derivados	99.587	181.473	82,23	3,38	103,29
Borracha e Suas Obras	102.693	98.444	-4,14	1,83	11,72
Frutas e Suas Preparações	81.971	86.394	5,40	1,61	20,01
Demais Segmentos	280.021	432.633	54,50	8,05	-7,14
Total	5.158.826	5.373.672	4,16	100,00	12,71

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 5 jul. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No balanço do semestre, o setor agropecuário, somou US\$ 1,82 bilhão em exportações, com uma expansão de 6,1% quando comparado ao mesmo período de 2023. Algodão, café e derivados de cacau foram os maiores responsáveis pelo crescimento.

Na indústria de transformação, as vendas tiveram redução de 8,2%, atingindo US\$ 2,65 bilhões no semestre. Os dois carros chefes do setor (refino e petroquímica) puxaram a queda, enquanto a celulose, com aumento de 17,4%, impediu que a queda do setor fosse maior.

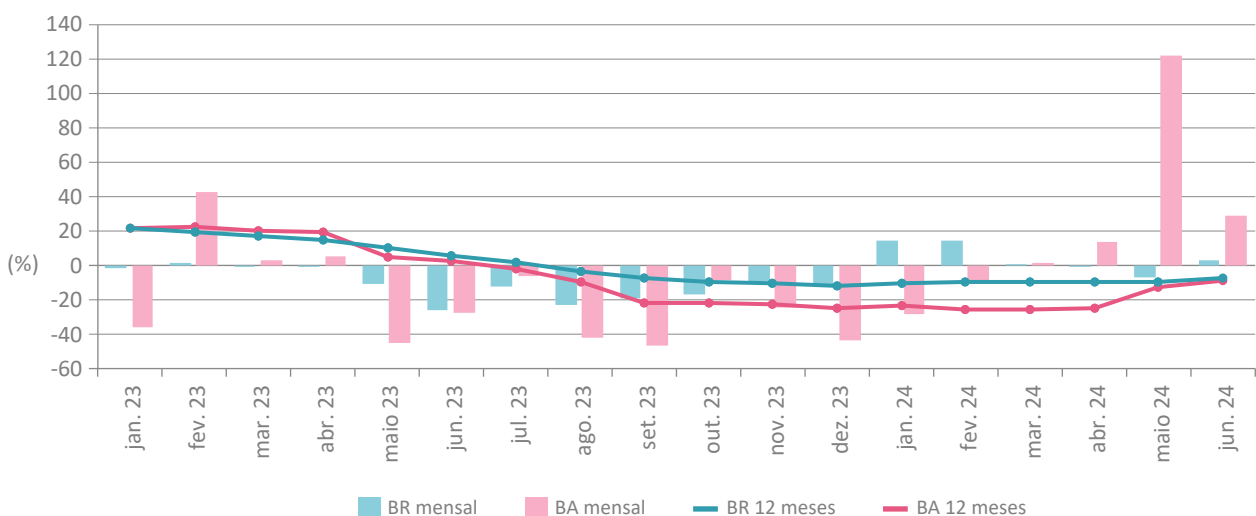
A indústria extrativa registrou o melhor desempenho dentre os setores de atividade, com incremento de 24,3%, chegando a US\$ 641 milhões em exportações, principalmente devido à valorização dos seus produtos (minérios e metais preciosos) na média em 73,5%, quando comparados ao primeiro semestre de 2023.

IMPORTAÇÃO

As importações também diminuíram 55,2% no segundo trimestre deste ano, ante o mesmo período do ano passado, atingindo US\$ 3,44 bilhões. Esse comportamento se deve tanto pela redução de preços como pelo maior ritmo da atividade interna, refletido no aumento do volume de compras que cresceu 55,4% no segundo trimestre, ante igual período do ano passado.

O maior consumo relacionado com o aumento da renda e da produção interna tem impulsionado a produção industrial, que teve incremento de 2,4%, o varejo, com alta de 9,1%, e o setor de serviços, com crescimento de 0,8%, todos referentes ao primeiro semestre de 2024 no comparativo anual, influenciados pela continuidade do aumento da massa de renda e da melhora das condições financeiras das famílias.

Gráfico 2
Variação do Comércio Exterior – Importações
Bahia/Brasil – 2023/2024



Fonte: MDIC/Secex.
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As importações baianas no semestre alcançaram US\$ 5,62 bilhões, 18,7% acima de igual período do ano passado. O crescimento da importação foi puxado por combustíveis e bens de consumo. Em volume, a entrada de bens aumentou 30,8% na mesma base de comparação.

No segundo trimestre, no comparativo interanual, as importações registraram crescimento robusto, de 55,2%, atingindo US\$ 3,44 bilhões.

A alta da importação reflete a atividade mais forte no período, e fundamenta para cima as projeções de investimentos para o segundo semestre de 2024. Entretanto, parcela importante do aumento das importações se deve ao aumento das compras de combustíveis, principalmente petróleo bruto, nafta e gás natural liquefeito.

A queda de preços em outro setor importante na pauta de importação, os fertilizantes, não impediu o aumento dos desembolsos em 1,04%. Por outro lado, o volume desembarcado cresceu 47,5%, sobretudo oriundos da Rússia.

Tabela 3
Importações baianas por categoria de uso
Jan./jun. 2023/2024

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2023	2024	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	2.927.533	2.802.870	-4,26	49,84
Combustíveis e Lubrificantes	1.494.259	2.514.704	68,29	44,71
Bens de Capital (BK)	242.753	229.820	-5,33	4,09
Bens de Consumo (BC)	74.128	76.225	2,83	1,36
Bens não Especificados Anteriormente	656	547	-16,63	0,01
Total	4.739.328	5.624.167	18,67	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 5 jul. 2024, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Ao contrário do registrado nas exportações, os preços médios dos produtos importados caíram 10,4% no semestre, enquanto o volume de compras aumentou 30,8%.

Com os resultados do primeiro semestre, o déficit comercial do estado no período chegou a um déficit de US\$ 250,5 milhões, contra um superávit de 419,5 milhões no mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio atingiu aproximadamente US\$ 11 bilhões, também com incremento de 11,1% no comparativo interanual, principalmente pelo desempenho das importações.

Finanças PÚBLICAS

Eduardo Augusto Santos Brito
eduardobrito@sei.ba.gov.br

Gabriel Oliveira Barbosa
gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br

Marília Jane Dourado Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

PANORAMA GLOBAL: POLÍTICA MONETÁRIA E FISCAL

O cenário macroeconômico mundial permanece misto, conforme destacado no Relatório de Perspectivas Econômicas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Por um lado, observa-se uma rápida queda na inflação e um aumento da confiança do setor privado. Contudo, esse otimismo é moderado pelo aperto no mercado de crédito.

Do ponto de vista fiscal, os governos enfrentam grandes desafios. O espaço fiscal se tornou mais reduzido após a forte atuação dos estados em crises bancárias, bem como na pandemia da covid-19, além do sistemático descumprimento das metas fiscais estabelecidas pela União Europeia (UE) por parte de alguns membros em sucessivos anos. A inflação persistente levou à alta dos juros, o que aumenta os custos da dívida pública. A concorrência asiática, sobretudo chinesa, e a quebra das cadeias globais de valor exigiram a retomada de política industrial ativa, que demanda mais investimentos públicos. Na zona do euro, o problema é ainda mais pronunciado devido ao acelerado envelhecimento da população, que pressiona os gastos com saúde e previdência.

Os bancos centrais continuam adotando uma política monetária cautelosa. Jerome Powell, presidente do Federal Reserve (Fed), declarou que a situação do mercado de trabalho será crucial para decidir sobre a redução ou manutenção da taxa de juros, que permanece inalterada desde julho de 2023.

Embora essa postura seja prudente sob a ótica estadunidense, ela tem implicações para economias emergentes, como o Brasil, uma vez que diminui o nível de liquidez internacional. A declaração de Powell é baseada nos dados do Payroll, equivalente dos Estados Unidos ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), que mostrou a criação de 206 mil vagas de emprego em junho, superando em 8,4% as estimativas dos analistas.

Além da incerteza em torno da condução da política monetária por Powell, que aguarda um cenário de convergência mais claro, há também o cenário de conflitos geopolíticos no Oriente Médio, assim como a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia, que contribuem para

aumento da percepção de riscos. As regiões, que controlam uma grande parte do mercado energético baseada em hidrocarbonetos, possuem uma localização econômica estratégica.

BRASIL

Essa sessão do Brasil começa abordando a tragédia no Rio Grande do Sul, que além de seu impacto socioambiental, também exerce uma pressão significativa sobre as finanças do estado e mesmo do país. O governador do Rio Grande do Sul compara o desastre aos impactos de uma guerra e solicita apoio fiscal ao governo federal por meio de um "Plano Marshall", em alusão ao programa dos Estados Unidos que reconstruiu a Europa após a Segunda Guerra Mundial.

O desastre não afetará a meta de déficit zero para 2024, uma vez que o Congresso Nacional autorizou que as medidas de ajuda sejam contabilizadas fora das regras fiscais. Em outras palavras, as despesas relacionadas ao socorro ao estado sulista não impactarão as metas de resultado das contas públicas.

Em relação à taxa básica de juros brasileira, no dia 8 de maio houve um corte da Selic em 0,25 ponto percentual, de 10,75% para 10,50%, confirmando a sinalização de diminuição no ritmo de cortes. O desemprego caiu para 7,1%, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), o menor nível desde 2015. Apesar disso, a ata do Comitê de Política Monetária (Copom) destaca um hiato do produto neutro, com o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro mantendo um ritmo equilibrado.

Embora faça sentido a preocupação do governo de um país como os Estados Unidos em relação às pressões inflacionárias do mercado de trabalho, esse argumento perde força em se tratando de Brasil. Ainda que os dados do mercado de trabalho no país estejam em contínua melhora, tanto em termos de emprego quanto de formalidade e também de rendimento, a média de horas trabalhadas, bem como o nível de capacidade instalada ainda possuem espaço considerável para crescimento, não exercendo forte pressão sobre a demanda.

Na parte fiscal, o governo fechou o semestre com um resultado deficitário de quase R\$ 69 bilhões. Um déficit 55% maior em comparação com o mesmo trimestre em 2023. As receitas administradas continuam crescendo, com destaque para o imposto sobre produtos industrializados (+27,4%) e o imposto de importação (+19,9%), impulsionados, especialmente o último, pela desvalorização do real frente ao dólar.

Vale destaque para alguns resultados de políticas de reoneração e do fim de algumas compensações tributárias e incentivos. Embora controversas, foram (e são) essenciais para recuperação da base fiscal, que sofreu contínua deterioração desde meados de 2013 até

2022. O governo sofreu muitas derrotas nesse sentido e, além disso, mesmo as conquistas parciais acabaram mostrando o quanto as projeções estavam exageradamente otimistas.

Ainda assim, a redução nominal superior a 20% nas compensações tributárias contribuiu para o ótimo resultado do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), a tributação dos fundos de investimento exclusivos (Lei nº 14.754/2023) ajudou a impulsionar a arrecadação do Imposto de Renda (injetou mais R\$ 12,7 bilhões nesta conta) e o fim das desonerações e de alterações nas bases de cálculo da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e do Programa de Integração Social e do Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PIS/Pasep) para os combustíveis. Somado a tudo isso, a exclusão do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) da base de cálculo dos créditos dos mesmos contribuiu para a melhoria da arrecadação em 25,4% para a Cofins e em 23,2% para o PIS/Pasep.

Por outro lado, as despesas apresentaram crescimento. Entre elas, destacam-se os benefícios previdenciários (+8,7%), devido ao aumento do salário mínimo, mudanças no calendário do 13º salário e novos beneficiários da previdência social. Além disso, as despesas discricionárias (+30,8%) também cresceram, refletindo o aumento real do gasto do governo nas funções de saúde, educação, transporte e defesa.

A trajetória ascendente das despesas fatalmente obrigará a fortes contingenciamentos de orçamento no segundo semestre, de modo a não descumprir a meta fiscal estabelecida. Isso significará substantiva queda das despesas discricionárias, tanto de custeio quanto de capital. Segundo relatório do Instituto Fiscal Independente (IFI), o país ainda precisará, no médio e longo prazo, de medidas de contenção de despesas obrigatórias para cumprir as metas dos anos seguintes, uma vez que o seu ritmo de expansão ainda se encontra num nível elevado.

Por outro lado, vale lembrar que o serviço da dívida pública é de longe a maior despesa da União (aproximadamente R\$ 836 bilhões em junho, valor acumulado em 12 meses), e sua estrutura é bastante desfavorável –com prazos curtos, alta indexação e impactada pelo uso excessivo (em comparação com níveis internacionais) de operações compromissadas. Segundo o Banco Central, a queda de um ponto percentual na Selic diminui a Dívida Bruta do governo geral em R\$ 47,9 bilhões. Infelizmente, o debate sobre o assunto é interdito por um determinado entendimento ainda hegemônico, mas cada vez mais contestado sobre ciência econômica e, principalmente, pelo poder político do capital financeiro no país.

Bahia

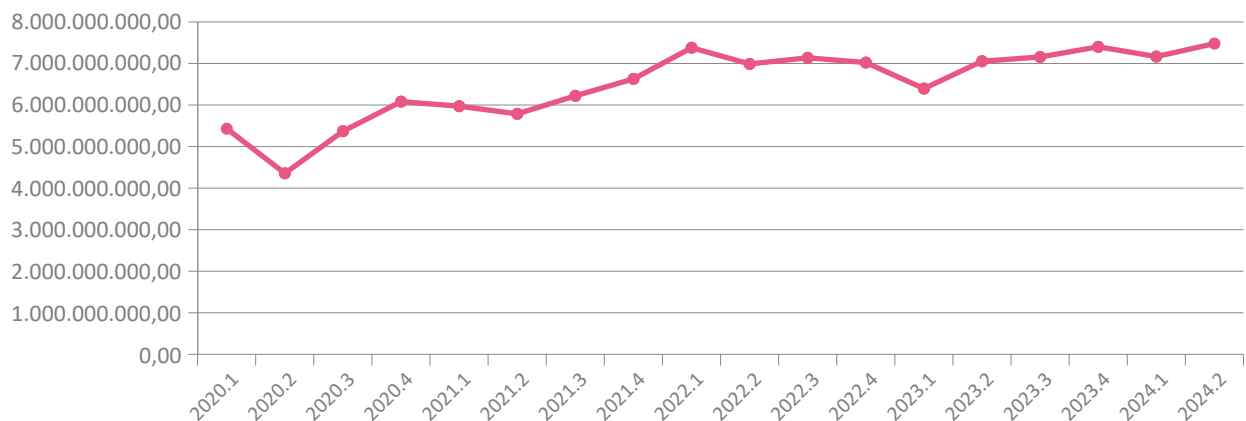
O desempenho econômico da Bahia, no segundo trimestre de 2024, trouxe alguns sinais positivos, especialmente no que se refere às obras de infraestrutura. No final de junho, o

governo federal, na figura do presidente da República, anunciou uma série de investimentos no estado, incluindo a duplicação de estradas e a expansão do programa Minha Casa Minha Vida. O destaque, entretanto, foi para o programa Luz para Todos, que receberá o empenho de R\$1,5 bilhão.

A arrecadação real do ICMS na Bahia atingiu, neste trimestre, R\$ 7,47 bilhões (base 2020). Esse resultado, que é recorde da série histórica trimestral, representa um crescimento de 6,01% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Em relação ao primeiro trimestre deste ano, o avanço foi de 4,35%, atribuído em parte às festividades juninas que ocorrem em todo o estado e impulsionam não apenas o consumo como também a arrecadação.

Há alguns destaques entre os setores no comparativo entre os segundos trimestres de 2024 e o de 2023. O comércio varejista cresceu 19,83% e o atacadista 24,66%. O segmento de petróleo e derivados demonstra recuperação após queda da arrecadação ocasionada por medidas legislativas nacionais –bastante destacadas em relatórios anteriores –,registrando um aumento de 25,33%. A energia elétrica, outro setor afetado pelas mudanças legais, sofreu queda de 21,15%.

Gráfico 1
Arrecadação de ICMS a preços constantes (mar. 2020)
Bahia – Evolução trimestral – 1º trim. 2020-2º trim. 2024



Fonte: Elaboração própria. Dados da Secretaria da Fazenda do estado da Bahia.

Com relação ao Fundo de Participação dos Estados (FPE), a Bahia registrou um crescimento real de 11,17% em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior, totalizando R\$3,45 bilhões. O crescimento é reflexo da subida da arrecadação real do IPI e do IR, destacados na sessão anterior.

Um acontecimento relevante relacionado a esse repasse federal é o recente acordo firmado entre o governo da Bahia e o governo do Mato Grosso para a aquisição de vagões de Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). O valor total do contrato é de R\$ 793,7 milhões, a ser pago em quatro parcelas, ajustadas pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo Especial (IPCA-E). Como forma de garantir o cumprimento dos pagamentos, o governo da Bahia vinculou parte de sua cota do FPE ao acordo, assegurando assim a solvência e a continuidade do projeto.

Gráfico 2
Fundo de Participação dos Estados – Preços constantes (fev. 2020)
Bahia – Mar. 2021-ago. 2023



Fonte: Elaboração própria. Dados da Secretaria da Fazenda do estado da Bahia

Em relação às despesas, houve boas notícias do ponto de vista do equilíbrio fiscal. O total das despesas nominais recuou 1,65% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, alcançando R\$ 18 bilhões. As principais reduções foram observadas nas funções encargos especiais, com queda acentuada de mais de R\$ 2,3 bilhões (-60,13%), seguida por transporte, cuja queda foi de R\$ 441 milhões (-48,79%). Os maiores aumentos foram na função saúde, de R\$ 666,9 milhões (+25,24%) e na função educação, de R\$ 1,3 bilhão (45,73%).

No trimestre, os investimentos foram majoritariamente direcionados à função educação, que recebeu quase um terço dos recursos alocados. O setor de transporte foi a segunda maior prioridade, absorvendo 20,3% do total, seguido por urbanismo, que captou 12,1% dos aportes.

Por fim, o resultado fiscal primário do governo do estado, no segundo trimestre de 2024, apresentou um superávit de R\$3,47 bilhões (com RPPS, acima da linha). A contenção das despesas e a recuperação da Receita Corrente Líquida, que cresceu mais de 15% em termos

nominais, contribuíram para a obtenção da nota máxima na Capacidade de Pagamento (CAPAG) pelo Tesouro Nacional.

SALVADOR

O desempenho financeiro de Salvador apresenta um cenário de crescimento tanto nas receitas quanto nas despesas. As receitas correntes registraram um aumento nominal de 23,9% em relação ao período do ano anterior. Em particular, a receita de serviços destacou-se com um crescimento de 82,1%. Transferências correntes também tiveram um desempenho satisfatório, crescendo 13,8%, e as receitas de capital aumentaram 90,9%.

As despesas nominais também seguiram tendência de crescimento. As despesas correntes e de capital cresceram acima dos 20%, resultando em um aumento total de 28,4% nas despesas liquidadas, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Despesas com pessoal e encargos sociais aumentaram modestamente, com um crescimento de 7,9%. No entanto, os juros e encargos da dívida tiveram um aumento de 25,7%, o que pode estar associado a um volume maior de operações de crédito.

As despesas de capital também apresentaram um crescimento substancial, de 52,6%, impulsionadas por investimentos, que cresceram 65,6%, e pela amortização da dívida, que aumentou 17,1%. Crescimento explicado especialmente pelo esforço recente da administração municipal para ampliar os investimentos em infraestrutura.

Em consequência, a prefeitura de Salvador enfrentou um déficit de R\$263 milhões no bimestre analisado. Valor expressivo, especialmente quando comparado ao déficit do mesmo período do ano anterior, que foi cinco vezes menor. A composição dessa variação (aumento dos investimentos concomitante ao do endividamento) é previsível e comum ao chamado ciclo eleitoral e não necessariamente significa uma deterioração fiscal – a menos que se mostre uma tendência de médio e longo prazo.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 2,2% no segundo trimestre de 2024, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (2º trimestre de 2024 em comparação com o 1º trimestre de 2024), o resultado foi de 0,6%. No semestre e no acumulado em 12 meses – taxa anualizada¹ –, o PIB registrou acréscimos de 2,4% e 1,8%, respectivamente.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2024(1)

Períodos	Taxas (%)
2º trim. 2024/2º trim. 2023	+2,2
2º trim. 2024/1º trim. 2024 (sazonal)	+0,6
1º sem. 2024 (janeiro a junho)	+2,4
Acumulado 12 meses	+1,8

Fonte: SEI.

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

PIB em valor corrente

No segundo trimestre de 2024, o PIB baiano totalizou R\$ 123,4 bilhões, sendo que R\$ 111,5 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos, e R\$ 11,8 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a agropecuária apresentou VA de R\$ 22,6 bilhões, a indústria R\$ 21,5 bilhões e os serviços R\$ 67,5 bilhões.

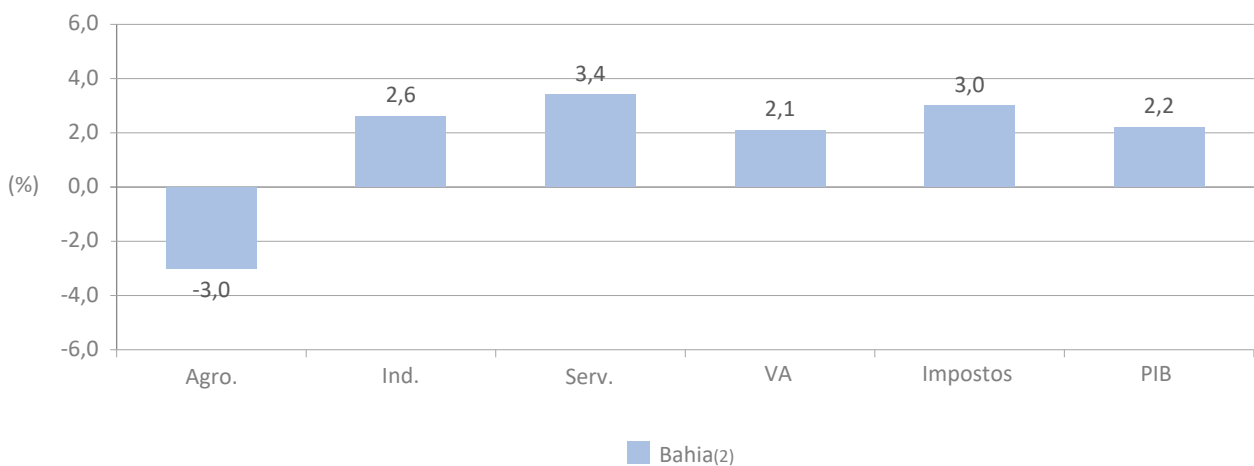
Quando analisados os resultados acumulados no primeiro semestre de 2024, o PIB baiano totaliza R\$ 239,6 bilhões, sendo que R\$ 213,4 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 26,2 bilhões aos impostos. No que diz respeito aos grandes setores, a agropecuária apresenta VA de R\$ 26,8 bilhões, a indústria R\$ 48,6 bilhões e os serviços R\$ 138,1 bilhões.

¹ A taxa anualizada corresponde ao período acumulado em 12 meses. No caso deste boletim, considera-se o período de julho de 2023 a junho de 2024, em comparação ao mesmo período anterior.

Segundo trimestre 2024/segundo trimestre 2023

Quando comparado a igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou resultado positivo de 2,2% no segundo trimestre de 2024, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado apresentou variação de 2,1% e alta dos impostos sobre produtos líquidos de subsídios (+3,0%). Dois setores registraram expansão: o setor industrial, com taxa positiva de 2,6%, e serviços, com alta de 3,4%. A retração ficou por conta da agropecuária (-3,0%).

Gráfico 1
Varição dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia – 2º trim. 2024(1)



Fonte: SEI/IBGE (2024).

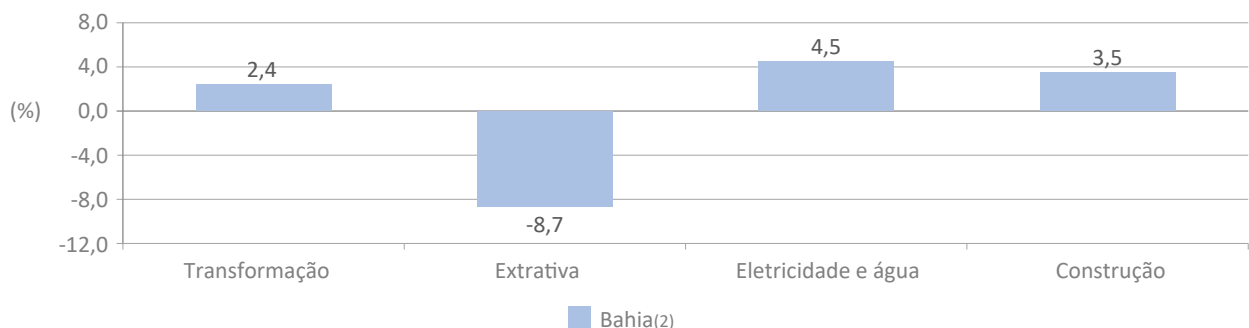
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O recuo em volume do setor agropecuário baiano no segundo trimestre do ano foi de 3,0%. Destaques para as taxas negativas do milho, feijão e da soja. A taxa em volume do setor industrial baiano nesse trimestre do ano foi de 2,6%. Apenas a atividade da *Indústria extrativa* apresentou um resultado negativo no período (-8,7%). As demais atividades industriais tiveram resultados positivos em comparação ao trimestre do ano anterior: *Indústria de transformação* (+2,4%); *Eletricidade e água* (+4,5%); e *Construção* (+3,5%).

Gráfico 2
Varição das atividades da Indústria
Bahia – 2º trim. 2024(1)



Fonte: SEI/IBGE (2024).

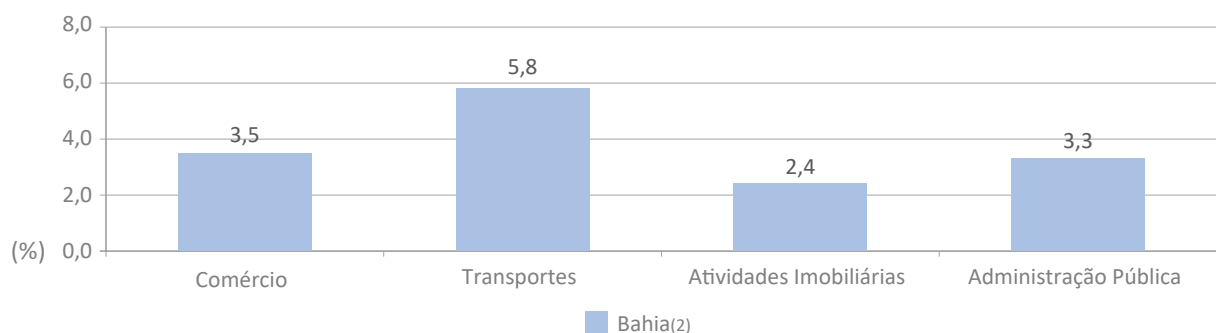
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de serviços do estado expandiu-se 3,4% no segundo trimestre do ano. As principais atividades do setor cresceram com relação ao mesmo período do ano de 2023. Destaque para o *Comércio*, segunda atividade mais importante dentro da economia baiana, com taxa de 3,5%. Também contribuíram com o crescimento do setor a alta no volume da atividade de *Transportes* (+5,8%) e as *Atividades imobiliárias* (+2,4%). A *Administração pública*, atividade extremamente relevante no estado, obteve crescimento de 3,3%. O segmento *Outros serviços*² registrou acréscimo de 3,6%.

Gráfico 3
Varição das atividades de Serviços
Bahia – 2º trim. 2024(1)



Fonte: SEI/IBGE (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

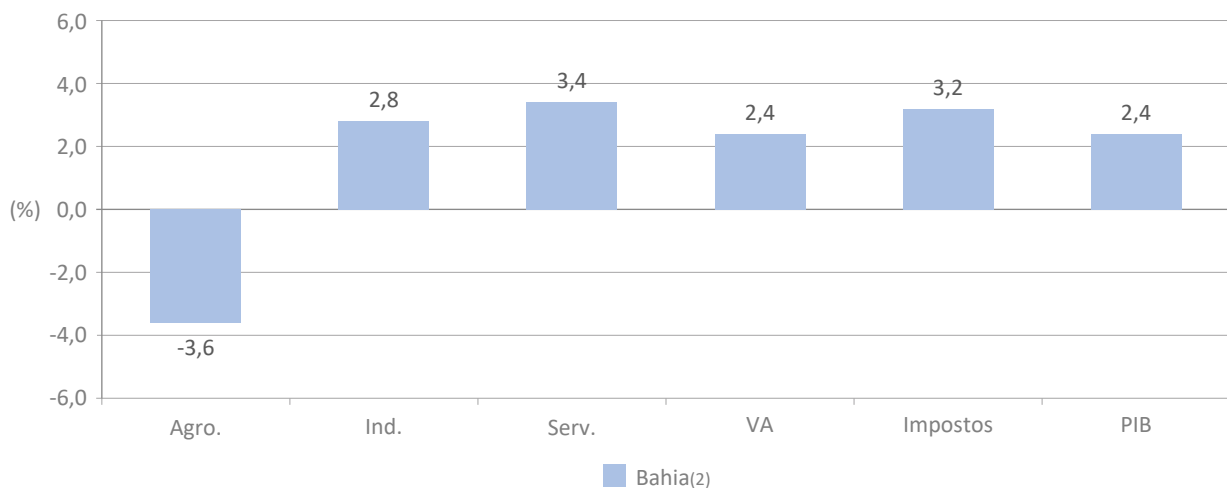
(2) Dados sujeitos a retificação.

² Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços domésticos.

PRIMEIRO SEMESTRE 2024/PRIMEIRO SEMESTRE 2023 (JANEIRO A JUNHO)

O PIB baiano acumulado de janeiro a junho de 2024 registrou expansão de 2,4% (diante do registrado no primeiro semestre de 2023). O Valor Adicionado cresceu 2,4% e os impostos sobre produtos líquidos de subsídios obtiveram alta de 3,2%. A agropecuária variou com retração de 3,6%, a indústria cresceu 2,8% e os serviços 3,4%. Os destaques positivos no semestre ficaram por conta do setor de *Serviços*, puxados pela acentuada expansão do *Comércio* (+4,9%) e dos *Transportes* (+2,2%) nos seis primeiros meses do ano, e na indústria pela atividade da *Indústria de transformação* (+3,1%).

Gráfico 4
Varição dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia – 1º sem. 2024(1)



Fonte: SEI/IBGE (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

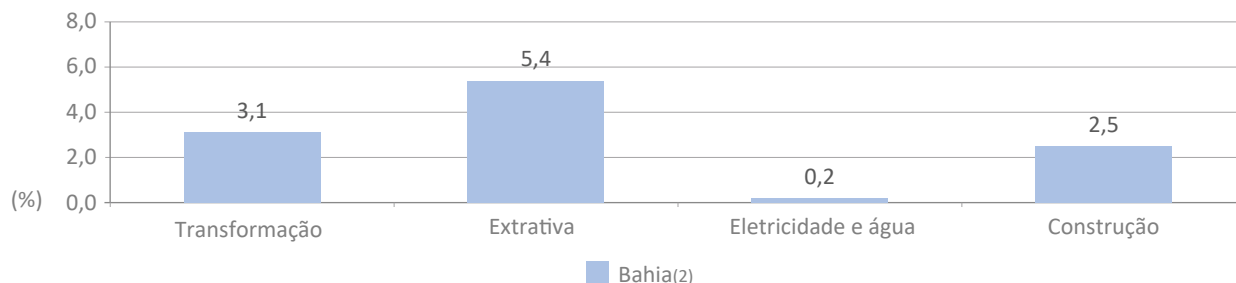
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Segundo os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI, o VA do setor agropecuário caiu 3,6% nos seis primeiros meses do ano, frente ao mesmo período do ano anterior – o resultado negativo deve-se à queda na produção física das principais safras em decorrência do fenômeno El Niño, que afetou negativamente as condições climáticas, prejudicando algumas regiões produtoras no estado.

O VA do setor industrial baiano registrou alta em volume de 2,8% no primeiro semestre do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionada por três das quatro atividades que compõem o setor. São elas: *Transformação* (+3,1%), *Extrativa* (+5,4%) e *Construção* (+2,5%). A atividade de *Eletricidade e água* registrou taxa em volume de 0,2%.

Gráfico 5
Varição das atividades da Indústria
Bahia – 1º sem. 2024(1)



Fonte: SEI/IBGE (2024).

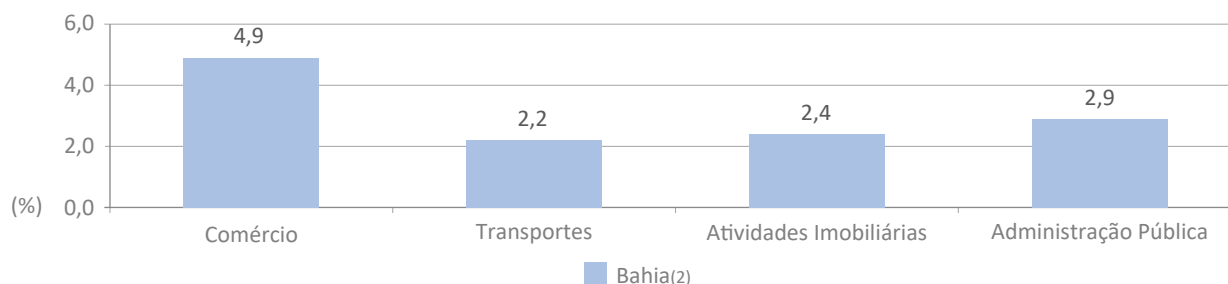
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

No que tange ao VA do setor de serviços, observou-se crescimento em volume de 3,4% no primeiro semestre de 2024, frente ao mesmo período anterior, influenciado pelas altas do *Comércio* (+4,9%), das atividades de *Transportes* (+2,2%), das *Atividades imobiliárias* (+2,4%) e da *Administração pública* (+2,9%). No mesmo período, o segmento *Outros serviços* acumulou crescimento de 3,5%.

Gráfico 6
Varição das atividades de Serviços
Bahia – 1º sem. 2024(1)



Fonte: SEI/IBGE (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Destaque positivo no primeiro semestre do ano para a atividade de maior peso no indicador de volume de vendas do comércio varejista: *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo; Móveis e eletrodomésticos; Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria; Materiais de construção; e Veículos, motocicletas, partes e peças.* A retração ficou evidenciada apenas na atividade de *Livros, jornais, revistas e papelaria.*

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

É incrível! O mercado de trabalho, inclusive o local, continuou surpreendendo. Na Bahia, a evolução do mercado de trabalho (sob o ponto de vista das principais variáveis) permaneceu em curso ao longo do segundo trimestre deste ano, principalmente quando se confronta o momento mais recente com a situação de um ano antes. Resumidamente, o que foi constatado nos três meses iniciais do ano ainda pôde ser observado mais recentemente: absorção considerável de trabalhadores e geração relevante de renda. Há motivos: economia, economia, economia! O bom comportamento da economia se manteve como o principal pilar para essa melhoria. Para o restante do ano, a princípio, o mercado de trabalho deve seguir melhorando, mas o ritmo do avanço dos indicadores de emprego e renda dependerá ainda mais do cenário macroeconômico do país.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), se constituíram nos principais elementos a subsidiar a construção deste texto, o qual visa expor, sem se colocar como uma análise aprofundada, as principais informações da conjuntura recente do mercado de trabalho baiano, contrapondo tais estatísticas com as das realidades nacional e regional quando se mostrar interessante.

De acordo com os dados do Caged, de abril a junho de 2024, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado aumentou, fruto do surgimento líquido de 28.860 postos de trabalho. Ao fim do segundo trimestre de 2024, a Bahia passou a contar com 2.106.730 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 2,65% sobre o quantitativo de 2.052.295 empregos do início do ano (estoque de referência). Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 27,15% e 4,50% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Sob o olhar dos resultados mensais do período, a dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do segundo trimestre de 2024 na Bahia. O mês de abril foi o de maior geração no intervalo, com 10.814 novas vagas – aliás, segundo melhor resultado mensal do ano. Os meses de maio e junho testemunharam excedentes menos destacados, com 9.147 e 8.899 novos postos, respectivamente. Apesar de positivos, os saldos se mostraram decrescentes ao longo dos meses do referido trimestre – semelhantemente ao

que foi visto no conjunto dos mesmos meses do ano passado. Além do mais, vale salientar, dois dos meses do intervalo observado evidenciaram apuração inferior ao de um ano atrás (abril e maio, no caso).

Em contraponto aos resultados dos intervalos de referência, o saldo de 28.860 novos postos no trimestre inaugural do ano em território baiano permitiu constatações distintas. Quanto ao mesmo trimestre de um ano antes, o saldo atual se revelou menos favorável, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 29.239 vínculos à época. Mais além, o número de novos postos abertos recentemente amparou o menor saldo para um segundo trimestre no estado desde 2020. No comparativo com o primeiro trimestre deste ano, período com geração líquida de 25.575 vagas, no entanto, a apuração recente dos dados indicou evolução – assim, ao mostrar um fortalecimento no ritmo da geração de postos em bases trimestrais, segunda alta consecutiva, o referido resultado ajuda a alimentar as esperanças de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo daqui para frente poderá se manter relevante.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo, no agregado dos meses de abril a junho de 2024, com 580.884 postos a mais. Ademais, todas as regiões ampliaram o número de postos de trabalho no período. Em termos absolutos, o Sudeste (+306.384 vagas) evidenciou o melhor desempenho e o Norte (+44.776 postos) exibiu o cenário menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 26 delas no trimestre (com o Rio Grande do Sul sendo o único com eliminação de vagas, perda líquida de 17.320 postos). No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 28.860 oportunidades ocupacionais, ficou na quinta posição, quatro colocações acima da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia evidenciou o melhor resultado absoluto, enquanto Ceará (+20.497 postos) e Alagoas (+3.556 vagas) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no trimestre analisado, respectivamente.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia no segundo trimestre de 2024 alcançou quatro dos cinco grandes estratos setoriais. O setor de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 14.168 trabalhadores no período. O setor de *Indústria geral*, com 7.201 novos contratos, também indicou um saldo relativamente relevante, evidenciando o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com resultados positivos menos protuberantes, vieram o *Comércio* (+6.058 postos) e a *Agropecuária* (+1.481 vagas). Assim, portanto, a *Construção* foi o único com encolhimento do nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 48 vínculos.

De acordo com o levantamento da PNADC, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 11,1% no segundo trimestre de 2024. Trata-se do menor valor desde o registrado no último

trimestre de 2014 (9,8%). Do primeiro ao segundo trimestre deste ano, portanto, a taxa de desocupação decresceu, pois passou de 14,0% para 11,1%, respectivamente – indicando um recuo de 2,9 pontos percentuais. Aliás, trata-se da maior queda da série entre trimestres consecutivos. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2023, quando o indicador havia sido estimado em 13,4%, também houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 2,3 pontos percentuais abaixo.

O percentual trimestral de desocupados na força de trabalho na Bahia em 2024, ao que parece, tende a repetir o ocorrido nos anos de 2021 a 2023, quando roteiros descendentes se estabeleceram em cada um deles (todos com três baixas sucessivas após a elevação no conjunto dos três meses inaugurais do ano). Mesmo diante da oscilação para baixo na passagem do primeiro ao segundo trimestre deste ano, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (11,1%) continuou acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013 (9,1%) – lembrando que seu auge se deu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local.

Além da Bahia, outras 24 unidades da Federação apresentaram retração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação) – por outro lado, duas delas registraram variação para baixo. Com recuo de 2,9 pontos percentuais, a Bahia exibiu a maior redução absoluta do país. Do mais, com o encolhimento mais recente da taxa de desocupação, a Bahia deixou de exibir a estimativa mais elevada entre as unidades federativas, passando a registrar a segunda mais alta (atrás de Pernambuco, com 11,5%). Na outra ponta, Santa Catarina (3,2%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual mais de três vezes o observado em território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 6,9% e 9,4%, respectivamente – percentuais, portanto, abaixo do calculado para o território baiano (11,1%).

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou ampliação na ocupação (+2,0% ou mais 121 mil ocupados) e redução na desocupação (-22,0% ou menos 217 mil desocupados) – assim, a ocupação aumentou após dois recuos consecutivos, enquanto a desocupação encolheu após ter aumentado. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, a alta da ocupação combinada com a retração do número de desocupados desembocou num achatamento significativo da taxa de desocupação no estado. O movimento descendente da taxa de desemprego nessa base comparativa, portanto, esteve atrelado tanto ao aumento do número de pessoas trabalhando quanto ao recuo do total de indivíduos sem trabalho e que estavam procurando por um. No comparativo interanual, também houve aumento de pessoas trabalhando (+2,1% ou mais

127 mil ocupados) e diminuição de pessoas procurando por trabalho sem conseguir (-17,5% ou menos 163 mil desocupados).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de abril a junho de 2024 na Bahia, com 6,159 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, após a expansão na margem, alcançou o maior patamar desde o do último trimestre de 2015 (6,282 milhões) – muito acima, portanto, do menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia da covid-19). Esse montante, porém, vale recordar, já foi de 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. No comparativo entre segundos trimestres, por sinal, o número de pessoas trabalhando foi o maior desde o estimado em 2015 (6,301 milhões de pessoas no segundo intervalo daquele ano).

A população desocupada, composta por 769 mil indivíduos, reforçado pelo recuo na margem, revelou-se como o menor volume de baianos desocupados desde o calculado para o quarto trimestre de 2014 (700 mil) – já tendo sido, entretanto, de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano de 2013, melhor marca da série no estado. Do mais, relevante recordar, o maior quantitativo de desocupados foi de 1,442 milhão de indivíduos no período inaugural do ano de 2021. Além do mais, para um segundo trimestre, trata-se do menor quantitativo de pessoas sem trabalho e que estavam procurando por um trabalho desde o constatado no ano de 2014 (713 mil desocupados à época), ou seja, menor número de desocupados para o referido intervalo nos últimos dez anos.

Por fim, após ter decrescido por dois intervalos em sequência, o número de pessoas fora da força de trabalho na Bahia aumentou pela terceira vez seguida na margem (+2,4% ou mais 125 mil indivíduos do primeiro ao segundo trimestre), chegando a 5,314 milhões – configurando-se como o quinto maior registro da série. Com essa oscilação desfavorável, tal quantitativo mantém o alerta, já que se encontra num patamar maior do que qualquer outro observado antes da pandemia, acumulando assim potencial para repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação. Em um ano, após leve recuo, o movimento também foi de alta (+2,9% ou mais 148 mil indivíduos).

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, após duas quedas em sequência, o número de informais aumentou. O quantitativo de formais, por sua vez, aumentou pela segunda vez seguida. A ampliação do montante de informais (mais 11 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude bem menor do que a expansão da ocupação na formalidade (mais 111 mil pessoas). Ou seja, do primeiro ao segundo trimestre, a elevação da ocupação no estado se deu principalmente pelo canal da formalidade – o que acarretou

uma diminuição relevante do grau de informalidade na margem. Assim, nesse contexto de incorporação de trabalhadores principalmente ao polo protetivo, o aumento geral da ocupação terminou assumindo um caráter mais benigno, já que favoreceu mais o estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e mais garantias. Por fim, o período de abril a junho de 2024 contabilizou 3,045 milhões de ocupados na informalidade e 3,115 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 49,4% (ante 50,2% no primeiro trimestre do ano), o oitavo maior do país. No Brasil, 38,6% das pessoas ocupadas se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no segundo trimestre de 2024, na Bahia, foi estimado em R\$ 2.206 – o maior valor desde o do terceiro trimestre de 2020 (R\$ 2.233), mas o quarto mais baixo entre as unidades federativas (diferentemente do constatado no trimestre antecedente, quando havia sido o quinto menor do país). Dessa maneira, o rendimento médio baiano se mostrou equivalente a 68,6% e a 98,6% dos rendimentos médios brasileiro e nordestino, que foram de R\$ 3.214 e de R\$ 2.238 no trimestre em questão, respectivamente. Em relação ao mesmo intervalo de 2023, quando estava em R\$ 1.904, houve alta de 15,9% (ou seja, mais R\$ 302) – a sétima expansão consecutiva após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Num confronto com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 2.130, ocorreu uma variação positiva de 3,6% (mais R\$ 76), indicando a quarta alta consecutiva.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebida por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 13,329 bilhões – significando uma elevação de 6,0% frente ao do primeiro trimestre do ano (de R\$ 12,578 bilhões) e de 19,3% no comparativo com o total do mesmo período do ano de 2023 (cujo valor havia sido de R\$ 11,172 bilhões). A Bahia, assim, no segundo trimestre de 2024, concentrou 4,1% e 26,6% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina, respectivamente. Enfim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou na margem pela quarta vez em sequência – por sinal, alta decorrente tanto do crescimento do rendimento médio real quanto do aumento da população ocupada nessa base de comparação. No confronto interanual, por sua vez, a alta recente significou a décima expansão consecutiva, mas depois de um período com sete quedas em sequência – a alta aqui também decorreu do aumento concomitante do rendimento médio real de todos os trabalhos e da ocupação.